

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Denise Cintra Villas Boas

**O sentido da expressividade oral na perspectiva do professor
especializado na área da deficiência visual**

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Denise Cintra Villas Boas

**O sentido da expressividade oral na perspectiva do professor
especializado na área da deficiência visual**

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob orientação
da Profa. Dra. Léslie Piccolotto Ferreira.

SÃO PAULO
2009

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em sua forma impressa, como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação.

VILLAS BOAS, Denise Cintra

O sentido da expressividade oral na perspectiva do professor especializado na área da deficiência visual / Denise Cintra Villas Boas – São Paulo, 2009.

116 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia.

The meaning of the oral expressivity on the perspective of the teacher of the visually impaired.

1. Voz 2. Docentes 3. Deficiência Visual

Banca examinadora

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe, Dirce (*in memoriam*), exemplo de mãe, de pessoa e de profissional. Minha fonte de inspiração em meus estudos e em minha vida. Por seu amor incondicional, em todos os momentos. Por ter me ensinado a acreditar!

Ao meu pai, Carlos, minha fortaleza, meu maior incentivador e responsável por chegar aonde cheguei!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Léslie Piccoloto Ferreira, pela confiança e carinho com que me recebeu, pelos ensinamentos e incentivos, pela paciência e apoio, em todos os momentos. Uma profissional brilhante, exemplo de generosidade e de caráter. Fico muito orgulhosa por ter sido sua orientanda. Muito obrigada!

À Profa. Dra. Izabel Cristina Viola, minha professora, desde a Graduação, e a maior responsável por minha paixão pela Voz. Obrigada por suas valiosas contribuições e sugestões, por estar sempre ao meu lado e torcendo por mim. Sou eternamente grata por tudo que me ensinou!

À Profa. Dra. Mary Jane Paris Spink, que me recebeu, em sua Disciplina, por ter sido atenciosa e paciente nas situações de dúvidas e aprendizado. Saiba que aprendi a admirá-la por sua inteligência, competência e generosidade. Obrigada por tudo.

Às professoras especializadas na área da deficiência visual, pela disponibilidade em participar deste estudo. Agradeço pelo aprendizado que me proporcionaram. Sem vocês, a realização deste sonho seria impossível.

À Profa. Dra. Emilse Aparecida Merlin Servilha, à Profa. Dra. Nely Garcia e à Profa. Dra. Maria Cecília de Moura, pela disponibilidade e atenção, pelas valiosíssimas sugestões, contribuições e incentivos para o desenvolvimento deste trabalho.

À Profa. Dra. Marta de Assumpção de Andrada e Silva, por ter acreditado e me incentivado, desde o início desta pesquisa.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP, por todo o aprendizado e enriquecimento profissional e pessoal que proporcionaram aos alunos.

Às amigas Cecília, Daniela, Ilza, Alexandra e Camila, por tantos momentos compartilhados, por estarem sempre presentes, pelo companheirismo e apoio.

Aos queridos colegas do LABORVOX, pelas enriquecedoras discussões, pelos momentos de trabalho, alegrias e aprendizado.

À Fonoaudióloga Ana Carolina Ghirardi, pelas contribuições, desde o início desta pesquisa.

À Clélia Riquino, pelas valiosas sugestões e pelo excelente trabalho de revisão de texto.

À querida Virgínia, secretária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, pela paciência e carinho com que sempre trata todos os mestrandos.

Aos profissionais da equipe do Centro de Apoio Pedagógico Especializado (CAPE), da qual me orgulho em fazer parte! Pelo aprendizado constante, tanto profissional quanto pessoal. A vocês, meus sinceros agradecimentos, por compartilharem comigo todos os momentos, desde o início do meu Mestrado. Obrigada pela ajuda, paciência, incentivo e, acima de tudo, pela confiança que depositaram em mim! Este trabalho também é de vocês, afinal, foram tantas emoções!

Em especial, agradeço à Profa. Tânia Regina Martins Resende, minha maior incentivadora e responsável por me apresentar à área da deficiência visual.

Aos meus familiares, pelo apoio e carinho constantes, durante este caminho. Obrigada!

Aos meus amigos, que sempre estiveram presentes!

A todos que, embora não mencionados, contribuíram, de alguma forma, para a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela Bolsa de Estudos concedida.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo, fará coisas admiráveis.”

José de Alencar

RESUMO

Villas Boas DC; Ferreira LP. O sentido da expressividade oral na perspectiva do professor especializado na área da deficiência visual. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Objetivo: Investigar o sentido atribuído à expressividade oral e sua prática em sala de aula, de professores especializados na área da deficiência visual. **Justificativa:** Pouca atenção é dada ao professor que trabalha com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, principalmente entre aqueles cuja voz faz a mediação do que acontece no mundo, ou seja, professores de alunos cegos e/ou de visão subnormal. Tal fato é confirmado pela escassez de fontes bibliográficas que tratam do assunto. **Aspectos teórico-metodológicos:** Participaram desta pesquisa oito professoras especializadas na área da deficiência visual, divididas em três grupos: professoras videntes (GV), composto por quatro participantes; professoras que apresentam visão subnormal (GVS), composto por duas participantes; e professoras cegas (GC), composto por outras duas participantes. Foram realizadas entrevistas individuais, com todas as professoras, que responderam seis perguntas semi-direcionadas, previamente elaboradas, abordando o tema da comunicação entre professor e aluno, no ambiente de sala de aula. As entrevistas transcritas foram submetidas a uma análise, que considerou os conteúdos dos relatos. Após o processo de análise das entrevistas coletadas por meio de sucessivas leituras e a definição e delineamento desse estudo, o primeiro passo foi o estabelecimento de categorias, de acordo com aspectos destacados no conteúdo das respostas, definidas da seguinte forma: Após a definição das categorias e organização do material, foram elaborados mapas de associação de idéias que permitiram a preservação da interação do contexto e possibilitaram a visualização do processo de interanimação diante das perguntas, mantendo o contexto dialógico intacto. **Resultados:** O professor especializado na área da deficiência visual considera a voz como principal meio de comunicação com seus alunos, em sala de aula. As práticas pedagógicas subsidiam-se nos princípios de fornecer todos os possíveis detalhes e informações a respeito do conteúdo, adaptar materiais, orientar quanto à mobilidade, entre outros, por meio dos recursos vocais e corporais. Observa-se a importância da interação em sala de aula, que é favorecida pelos recursos vocais e corporais, tanto das professoras quanto dos alunos e, mais pontual, por uma comunicação clara e objetiva.

Palavras-chave: voz, docentes, deficiência visual.

ABSTRACT

Villas Boas, DC; Ferreira, LP. The meaning of the oral expressivity on the perspective of the teacher of the visually impaired. [Master's dissertation]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Aim: To investigate the attributed meaning to oral expressivity and its practice in the classroom of teachers of the visually impaired. **Justification:** Little attention is given to the teacher who works with special educational needs, especially among those whose voice is the mediation of what happens in the world, that is, teachers of blind students and/or low vision. This fact is confirmed by the lack of bibliography resources that address the issue. **Theoretical and methodological aspects:** Eight of the visually impaired participated in this research, divided into three groups: sighted teacher (GV), composed of four participants, teachers who have low vision (GVS), composed of two participants and blind teachers (GC), composed of two participants. Individual interviews were held with all the teachers who answered six semi-directed questions, previously compiled, which addressed the issue of communication between teacher and student in a classroom environment. The transcribed interviews were submitted to analysis, that considered the contents of the reports. Subsequent to the review process of the collected interviews, successive reading and the definition and design of this study, the first step was the establishment of categories, according to issues highlighted in the content of the answers. After defining the categories and organization of material, Maps of Associations of Ideas were produced that allowed the preservation of the interaction of the context and allowed the visualization of the inter-animation process in the face of questions, keeping intact the dialogical context. **Results:** The teacher of the visually impaired considers the voice as the main mean of communication with his students in the classroom. The teaching methods of these teachers are supporting the principles of providing all possible details and information about the content, adapted materials, guide as to the mobility, among others, through vocal and physical resources. There is the importance of interaction in the classroom, which is supported by vocal and physical resources (body language resources), between the teachers and the students, for clear and objective communication.

Key Words: voice, teachers, visual disability.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
2. OBJETIVO	25
3. REVISÃO DE LITERATURA	26
3.1 Conceituação de Deficiência Visual.....	26
3.2 Políticas públicas paulistas para a educação da pessoa que apresenta Deficiência Visual	30
3.3 A comunicação do Professor – recursos vocais e corporais	35
4. MÉTODO	39
4.1 Seleção dos entrevistados	39
4.2 Coleta de dados	40
4.3 Registro e análise dos dados.....	40
Figura 1 – Fluxograma dos procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa.....	43
5. RESULTADOS	44
6. DISCUSSÃO	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	64
APÊNDICE.....	65
ANEXOS.....	67
Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-SP.....	67
Anexo 2 – Termo e Consentimento Livre e Esclarecido.....	68
Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em tipo ampliado	70
Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Braille	77
Anexo 5 – Mapas.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação da perda da visão (Escala Optométrica Decimal de Snellen)	27
Quadro 2 – Classificação médica e educacional: paralelo e intersecção	29
Quadro 3 – Caracterização dos sujeitos, segundo ordem em que foram contatados, tipo de visão, idade e tempo de experiência	39
Quadro 4 – Descrição do trabalho do professor em sala de aula, por meio dos recursos vocais e corporais, segundo o grupo de participantes videntes (GV), com visão subnormal (GVS) e cegos (GC)	44
Quadro 5 – Descrição de situações típicas de trabalho em sala de aula e a atuação do professor, segundo grupo de participantes videntes (GV), com visão subnormal (GVS) e cegos (GC).....	46
Quadro 6 – Descrição dos relatos sobre os apoios necessários segundo o grupo de participantes videntes (GV), com visão subnormal (GVS) e cegos (GC).....	47

1 INTRODUÇÃO

Por meio da oralidade, segundo LAYER (1994) e PITTAM (1994), existe uma gama de informações que revela as características de quem fala, por exemplo: marcadores sociais, físicos e psicológicos. Assim, características da voz, bem como da fala, da linguagem e outros comportamentos não verbais acontecem e se desenvolvem, em parte, de acordo com o meio social e a personalidade de cada um.

A voz é uma ferramenta flexível de comunicação, que pode ser utilizada para evidenciar informações sobre o estado emocional e atitudes, e, ainda, para atribuir e inferir opiniões sobre o comportamento das pessoas.

As marcas da fala que são conferidas à personalidade do falante serão definidas, pelo ouvinte, a partir das suas próprias atribuições da personalidade. De acordo com as modificações que ocorrem no trato vocal, em diversas perspectivas temporais, é dada, ao falante, a possibilidade de relatar, a partir da qualidade vocal, informações que apresentam diferentes funções (SCHERER, 1979).

A Fonoaudiologia tem se preocupado com essas questões e, mais recentemente, ao utilizar o termo expressividade, apesar de não haver uma linha estruturada de pensamento, tem realizado estudos com diferentes públicos, dentre os denominados profissionais da voz.

Nessa perspectiva, o termo expressividade oral será adotado neste trabalho a partir do referencial teórico proposto por VIOLA (2006), que afirma que o uso consciente ou inconsciente dos sons, em sua forma simbólica, é o que estrutura a expressividade. A autora acrescenta ainda que a maneira como se trabalha a sonoridade pode acabar interferindo ou não na relação com o outro. Esse processo é reproduzido em comportamentos que abordam a fala e a voz, e visto como uma forma de eliminação das tensões internas do falante. O ouvinte pode fazer inferências sobre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais do falante, de acordo com o que é revelado por seus gestos orais e corporais. Ainda na visão da autora, a expressividade, por meio das características do grupo social (orais, corporais e discursivas), ao qual o falante pertence, demonstrará a subjetividade e a singularidade do mesmo.

O interesse em estudar a expressividade oral de professores especializados na área da deficiência visual surgiu da vivência e experiência com esse grupo de profissionais cujos alunos aprendem, dia após dia, um novo conceito e significado de “ver” o mundo. Várias questões sobre a singularidade da atuação desses profissionais com estudantes cegos e/ou com visão subnormal, emergiram a partir do próprio desconhecimento e, posteriormente, do contato direto, por meio do trabalho, com a área da deficiência visual.

Favorecer experiências sensoriais e perceptivas (auditivas, olfativas, gustativas, táteis e cinestésicas); trabalhar com as atividades de vida diária; orientar quanto à locomoção no ambiente escolar; treinar a escrita cursiva, para que pessoas com deficiência visual possam assinar documentos; ensinar a leitura e escrita Braille; faz parte do papel do professor especializado em deficiência visual que, para tanto, precisa estar sempre junto de seus alunos.

O trabalho conta, ainda, com a promoção de situações que favoreçam o ajustamento pessoal e social, através de equipamentos e programas específicos de informática, gravação de textos em fitas, orientação da família, entre outras atividades.

O aluno que apresenta deficiência visual precisa encontrar um ambiente escolar adequado às suas necessidades educacionais especiais, assim como, educadores aptos a compreendê-lo. Essas são condições essenciais na construção do vínculo em sala de aula, uma vez que as necessidades educacionais e o processo de desenvolvimento equivalem aos das crianças videntes. Esse processo, porém, é complexo, pois há de se considerar que cada criança tem seu ritmo de desenvolvimento, de acordo com suas características.

A expressividade oral, entre professores e alunos, é um dos principais elos para a construção de conhecimento, e, nesse contexto específico, a presença do professor como mediador é fundamental, para ajudá-los na leitura das situações em que estão inseridos.

A interação da pessoa com deficiência visual com o ambiente e seus pares, no contexto escolar, dá-se por meio das mais diferentes possibilidades de manifestações expressivas, principalmente na relação entre professor e aluno. A escola é um local importante para a aprendizagem, uma vez que exige situações

sociais específicas e instrumentos de mediação e, principalmente, a atuação do professor.

Muitos desses educadores, apesar da grande demanda vocal, não são conscientes de que a voz é um dos seus principais instrumentos de trabalho, provavelmente por não terem recebido, assim como os professores que atuam com qualquer outro aluno, preparo específico para tal. Como consequência, não procuram adquirir informações nessa área, pois não vêem no aspecto vocal uma possibilidade de melhora em seu desempenho profissional (SOUZA e FERREIRA, 1998).

Na literatura, a voz do professor tem sido objeto de muitos estudos, como pode ser verificado em levantamento bibliográfico realizado por DRAGONE et al. (2008). Na atualização das publicações fonoaudiológicas referentes à voz do professor, no período dos anos de 2005 a 2007, as autoras apontam que os professores de ensino superior foram os mais estudados, seguidos pelos do ensino infantil e fundamental. Mas são incipientes os estudos que buscam entender as questões da voz de professores que atuam com alunos com algum tipo de necessidade educacional especial. Um exemplo desse tipo de investigação refere-se aos professores que ministram aulas para alunos surdos (FERREIRA e BENEDETTI, 2007).

Este trabalho tem como foco abordar questões pertinentes ao processo educacional de sujeitos com cegueira e/ou visão subnormal, na perspectiva da voz do professor especializado em deficiência visual.

É importante que profissionais da área de Fonoaudiologia se envolvam com essas discussões e ampliem seus conhecimentos, até por que, cada vez mais, as questões da inclusão escolar, que integram as políticas públicas na área da Educação, são de um contexto mais amplo: o da inclusão social.

A atuação fonoaudiológica vai além de práticas profissionais relativas às áreas da linguagem, audição, motricidade oral e voz. Tal atuação resultará em comunicação e interação social, ou seja, integração social, o que proporcionará multifaces de ações, nos campos da Saúde, Educação e Trabalho. Especificamente no campo escolar, o fonoaudiólogo fornecerá uma formação continuada, por meio de apoio, informações e orientações.

A Fonoaudiologia, nas políticas públicas sociais, necessita de maior envolvimento, reflexão sobre sua participação, contribuição e ampliação de seu trabalho.

Na questão da inclusão social, ou sociedade inclusiva, preconiza-se o respeito à diversidade, seja de raça, religião, pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, etc. A inserção do deficiente como membro participante de uma sociedade, com os mesmos direitos e deveres no contexto social, vem tornando-se, dia-a-dia, mais enfática, e é de responsabilidade de todos os setores da sociedade.

Esse processo de inclusão social é irreversível e já acontece a partir de um longo processo cultural e histórico, mas, apesar de muito discutido e estudado, ainda é difícil torná-lo efetivo e natural (NAMO, 2007).

A família e a escola são as duas instituições, seculares, por sinal, que fazem parte desse processo de inclusão social, com participações diretas e que acompanham o movimento e as transformações da sociedade. Considera-se, portanto, o papel do professor como fundamental para atuar nesse processo, seja ele de forma pedagógica e/ou social.

Nesse caminho, esta pesquisa interessa-se em estudar a expressividade oral do professor especializado na área da deficiência visual e sua prática em sala de aula e, para tanto, em primeiro lugar, propõe a escuta, ou seja, entender os sentidos que esse profissional atribui à voz.

2 OBJETIVO

Investigar o sentido atribuído à expressividade oral e sua prática em sala de aula, por professores especializados na área da deficiência visual.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo será dividido em três partes: na primeira, será apresentada a conceituação de deficiência visual; na segunda, serão abordadas as ações e políticas públicas para a educação da pessoa com deficiência visual propostas no Brasil e no Estado de São Paulo; e, na terceira, as referências sobre a comunicação do professor, quanto aos recursos verbais e corporais. A ordem cronológica não será respeitada, em todos os capítulos, para facilitar o encadeamento das idéias.

3.1 CONCEITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA VISUAL

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1997):

Deficiência visual é um impedimento total, ou a diminuição da capacidade visual decorrente de imperfeição no órgão ou no sistema visual. São considerados deficientes visuais, os cegos e os de visão subnormal.

Perdas visuais podem reduzir ou anular a possibilidade de ver e abrangem vários graus de acuidade visual¹ e/ou campo visual² que conduzem a uma deficiência visual e permitem diversas classificações.

A classificação de deficiência visual é baseada nos seguintes parâmetros:

- Clínico: diagnóstico, tratamento e acompanhamento médico;
- Legal: assistência social e obtenção de recursos junto à Previdência Social;
- Educacional: para fornecer indicações da eficiência visual³ para o processo ensino-aprendizagem;
- Esportivo: para divisão em categorias esportivas (CRÓS et al., 2006).

¹ Acuidade Visual – aquilo que se enxerga a determinada distância (<http://www.ibc.gov.br>).

² Campo Visual – a amplitude da área alcançada pela visão (<http://www.ibc.gov.br>).

³ Eficiência Visual – grau em que tarefas específicas podem se desempenhadas com facilidade, conforto e tempo mínimo, dependendo de contingências de variáveis pessoais e ambientais (BARRAGA, 1977).

Para abordar a definição de deficiência visual, serão utilizados dois enfoques: um, relacionado à abordagem clínica e outro, à abordagem educacional.

Na abordagem clínica, a Organização Mundial de Saúde – OMS, no ano de 1981, em Genebra, adotou a seguinte classificação:

**Quadro 1 – Classificação da Perda da Visão (OMS) – CID 2000
(Escala Optométrica Decimal de Snellen)**

GRAU DE PERDA DA VISÃO	ACUIDADE VISUAL (com ambos os olhos e melhor correção óptica possível)	
	Máxima menor que	Mínima igual ou maior que
1. visão subnormal	6/18 (metros)* 3/10 (0,3) 20/70 (pés)	6/60 1/10(0,1) 20/200
2. visão subnormal	6/60 1/10 (0,1) 20/200	3/60 1/20 (0,05) 20/400
3. cegueira	3/60 1/20 (0,05) 20/400	1/60 (capacidade de contar dedos a um metro) 1/50 (0,02) 5/300
4. cegueira	1/60 (capacidade de contar dedos a um metro) 1/50 (0,02) 5/300	percepção de luz
5. cegueira	não percebe luz	
6. indeterminada ou não especificada		

**A fração 6/18 metros significa que o indivíduo vê a seis metros o que normalmente se veria a 18 metros. O mesmo ocorrendo com 20/70 pés, ele vê a 20 pés o que seria visto a 70 e assim, sucessivamente, conforme proposto na tabela. Apesar da conversão em metro e decimal, os oftalmologistas utilizam, com maior frequência, a expressão da acuidade visual medida em pés e, algumas vezes, em decimal, conforme proposto na escala de Snellen.*

Fonte: Apostila Programa Nacional de Apoio à Educação de Deficientes Visuais –
Formação de Professor – MEC – Secretaria de Educação Especial, 2002.

Do ponto de vista clínico, segundo a 10ª revisão da Classificação Estatística Internacional das Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID-10) e de acordo com a Organização Mundial de Saúde (1994), o indivíduo é considerado com visão subnormal quando o valor da acuidade visual corrigida, no melhor olho, é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20 graus, no melhor olho, com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 graus de comprometimento visual do quadro). Assim, o indivíduo é considerado cego ao apresentar esses valores abaixo de 0,05 ou o campo visual é menor que 10 graus (categorias 3, 4 e 5 do quadro).

Estudos, a partir da classificação da Organização Mundial de Saúde, começaram a ser produzidos por oftalmologistas, uma vez que passaram a ter uma maior preocupação com a visão funcional dos pacientes e qual a sua consequência na educação dos deficientes visuais, principalmente no que diz respeito à orientação e mobilidade, atividades de vida diária e atividades de vida prática.

Na abordagem educacional, são considerados indivíduos com deficiência visual aqueles que apresentam cegueira ou visão subnormal.

A cegueira é considerada “desde ausência total de visão até a perda da projeção de luz”. O processo de aprendizagem far-se-á por meio dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar) e com a utilização do Sistema Braille⁴, como principal meio de comunicação escrita. Poderão também ser utilizados recursos didáticos (Soroban⁵, mapas em relevo, etc.); equipamentos específicos e programas de computador (sintetizadores de voz: DOS VOX, JAWS, Virtual Vision), entre outros.

A visão subnormal, ou baixa visão, é entendida “desde condições de indicar projeção de luz até o grau em que a redução da acuidade visual interfere ou limita seu desempenho”. O processo educativo desenvolver-se-á, principalmente, por meios visuais, ainda que com a utilização de recursos específicos. O indivíduo poderá usar recursos ópticos (óculos, lupas, entre outros)

⁴ A conceituação básica do Sistema Braille, de acordo com o site do Instituto Benjamin Constant, (<www.ibc.gov.br>) é um “processo de leitura e escrita em relevo, com base em 64 (sessenta e quatro) símbolos resultantes da combinação de 6 (seis) pontos, dispostos em duas colunas de 3 (três) pontos. É também denominado “Código Braille”.

⁵ Instrumento de cálculo, derivado do ábaco.

e a visão remanescente permitirá ler impressos a tinta (com tipos ampliados ou utilização de recursos didáticos, como cadernos de pauta ampliada) e equipamentos específicos (circuito fechado de televisão – C.C.T.V., microcomputador, entre outros).

De acordo com a definição de ALVES (2006, p. 26):

[...] pessoas cegas são aquelas cuja acuidade visual é igual ou menor que 20/200, ou cujo campo visual é inferior a 20° no melhor olho. Pessoas que apresentam desde a ausência total da visão, até a perda da projeção de luz. Pessoas com baixa visão são aquelas que apresentam alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e ou de sensibilidade aos contrastes, que interferem ou limitam o desempenho visual.

A classificação educacional considera e utiliza o critério da eficiência visual, por ser mais funcional e dinâmica, uma vez que ocorre o uso real da visão pelo indivíduo (LORA, 2000).

Para os educadores, é importante que se enfatize o potencial da visão de seus alunos para que este seja trabalhado em seu potencial máximo, desde o início.

O Quadro 2 compara as duas abordagens:

Quadro 2 – Classificação médica e educacional: paralelo e intersecção

CLASSIFICAÇÃO CLÍNICA	CLASSIFICAÇÃO EDUCACIONAL
<ul style="list-style-type: none"> • Diagnóstico médico baseado na acuidade visual; • Ênfase no que enxerga; • Finalidade legal, econômica e estatística; • Resultado estático, em condições especiais de distância e iluminação; • Dados quantitativos (numéricos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Diagnóstico educacional – baseado na eficiência visual; • Ênfase no como se enxerga; • Finalidade prática e funcional, em termos de desempenho na orientação e mobilidade, nas atividades de vida diária e nas tarefas escolares; • Resultado dinâmico, em condições de vida prática; • Dados qualitativos.

Obs.: Uma complementa a outra; o diagnóstico médico não leva, necessariamente, ao prognóstico educacional (pode haver uma capacidade de visão para perto não desenvolvida).

No estudo de LORA (2000), o conhecimento do mundo, para uma criança cega, dar-se-á por meio dos sentidos remanescentes, o que poderá afetar o seu desenvolvimento. Muitas vezes, o tato não é suficiente, mesmo usado intensamente e sendo essencial para ela, pois vários objetos não são percebidos devido a restrições sociais ou por serem inacessíveis. Colinas, montanhas, espaço e relação de objetos grandes e muito pequenos, ou em movimento, tornam-se difíceis para a criança apreender, sendo explicados, oralmente, ou por analogias com aquilo que ela pode ouvir e sentir.

No relato da mesma autora, há um questionamento sobre o aprendizado dos conceitos de percepção de forma, tamanho e espaço, diferentes posições e relacionamentos fornecidos pela visão, e se é possível para o deficiente visual compreendê-los, apenas por meio do tato e dos outros sentidos.

Assim, a criança que apresenta deficiência visual, seja cegueira ou visão subnormal, deve ser orientada, por meio de experiências, para que possa elaborar e formar idéias precisas e corretas sobre os conceitos.

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PAULISTAS PARA A EDUCAÇÃO DE PESSOAS QUE APRESENTAM DEFICIÊNCIA VISUAL

Em 1994, em São Paulo, no dia 21 de setembro, é criado o Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento ao Deficiente Visual (CAPDV), no âmbito da Secretaria da Educação do Estado, através da Resolução SE nº 135. Por meio de uma ação conjunta entre órgãos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo com as Coordenadorias de Ensino da Grande São Paulo e do Interior (COGSP/CEI), da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), integrando o Programa Estadual de Atenção ao Aluno com Deficiência Visual matriculado em unidades escolares, o novo Centro iniciou sua função.

O CAPDV proporcionou a estes alunos, recursos apropriados para o desenvolvimento de atividades relativas à leitura, pesquisa e aprofundamento curricular. Ao atender em sua sede ou em unidades escolares que não apresentavam sala de recursos, o referido centro realizou a produção e distribuição de materiais específicos, além de ações de capacitação e

aperfeiçoamento de professores para a atuação na área da deficiência visual e de projetos integrados.

No ano de 2001, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, de acordo com as novas perspectivas de inclusão escolar e de acordo com as leis e diretrizes nacionais e internacionais, considera a importância da extensão do atendimento para outras áreas de necessidades educacionais especiais. De acordo com a Resolução SE nº 61, em seu artigo 1º, resolve:

As ações de gerenciamento e definição de diretrizes que atendam à demanda de alunos da rede pública estadual com necessidades educacionais especiais passam a integrar o Centro de Apoio Pedagógico para o Deficiente Visual, ampliando-o e alterando sua denominação para Centro de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE.

O CAPE foi criado para oferecer suporte ao processo de inclusão escolar para alunos com necessidades educacionais especiais na Rede Estadual de Ensino.

O centro atua no gerenciamento, acompanhamento e suporte às ações regionais de educação especial; nos processos de formação continuada; na provisão de recursos e articulação das escolas com a comunidade; procedendo orientações e encaminhamentos. Essa linha de atuação se estende às 91 Diretorias de Ensino, envolvendo supervisores, professores coordenadores de oficinas pedagógicas e mais de 1.300 professores especializados. Através dos Serviços de Apoio Especializados (SAPEs), mais de 17 mil alunos estão sendo atendidos. E, através de 226 convênios firmados com instituições especializadas, o atendimento do CAPE chega a mais de 31 mil alunos.

O atendimento ao aluno, nessa nova estrutura, não será direto, mas sim com o objetivo desenvolver orientações técnicas para supervisores, professores coordenadores de oficinas pedagógicas, professores coordenadores das unidades escolares, professores especializados nas áreas das deficiências mental, auditiva, visual e física, entre outras. Esses profissionais terão, assim, condições de repassar e multiplicar tais orientações a seus professores, para que atuem com os alunos em sala de aula.

Também são fornecidos materiais específicos, como livros didáticos em Braille e em caracteres ampliados.

Atualmente, mais de 1.500 profissionais, da rede estadual, passam, por ano, pelo CAPE, para receberem orientações das mais diversas áreas de especialidades.

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por meio do Serviço de Educação Especial, tem investido em recursos materiais e humanos, e acompanha o processo histórico e pedagógico, no Brasil e no mundo.

Para o atendimento educacional especializado na área da deficiência visual, é imprescindível a elaboração de um plano de trabalho pedagógico e o conhecimento de cada aluno, pelo professor, uma vez que a idade do aluno, como se manifestou a deficiência visual, a etiologia, tipo e grau de visão residual influenciam, consideravelmente, no desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Para que o aluno tenha recursos de acesso ao currículo e possa conviver em grupo, visto que muitas vezes ele percorre um caminho com dificuldades, é de responsabilidade da sociedade providenciar e suprir as necessidades e os recursos necessários para que esse aprendizado aconteça. O papel pedagógico é de responsabilidade da Educação Especial, modalidade de ensino que perpassa todo o Sistema Educacional, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, artigo 3º:

[...] por Educação Especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

A Resolução SE nº 95, de 21 de novembro de 2000, alterada pela Resolução SE nº 8, de 26 de janeiro de 2006, em seu artigo 8º, deixa claro que:

A implementação de Serviços de Apoio Pedagógico Especializado (SAPEs) tem por objetivo melhorar a qualidade na oferta da educação especial da rede estadual, mediante uma reorganização que favoreça a adoção de novas metodologias nas classes especiais bem como a inclusão gradativa do alunado em classes comuns do ensino regular.

Em seu parágrafo único, no Inciso I:

[...] as aulas devem ser ministradas por professor especializado, em sala de recursos específicos, em horários programados de acordo com as necessidades dos alunos, e, em período diverso daquele em que o aluno freqüentou a classe comum da própria escola ou de unidade diversa.

A Rede de Ensino conta com uma demanda de professores especializados na área da deficiência visual, que atuam nos Serviços de Apoio Pedagógico Especializados (SAPEs) sob a forma de sala de recursos na área de Deficiência Visual. O aluno, matriculado na Rede Estadual, freqüenta a classe regular e utiliza o SAPE, na forma de sala de recursos, em horário oposto, sem exceder dez horas semanais ou duas horas diárias, em geral.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (2001) cita que os professores especializados são aqueles que desenvolveram competências para identificar as capacidades educativas especiais.

O aluno que recebe atendimento na sala de recursos passa, primeiramente, por uma avaliação pedagógica e recebe apoio de acordo com sua especificidade. Após tais intervenções, é encaminhado a uma classe regular que corresponda ao seu desempenho e continua a receber apoio da sala de recursos, quando houver dificuldade de aprendizagem, por conta de sua deficiência visual. O processo educacional é desenvolvido na sala regular e a busca de materiais didáticos, equipamentos, suplementação das aulas e atividades específicas é encontrado e realizado na sala de recursos. É um trabalho concomitante entre sala regular e sala de recursos.

Segundo RESENDE (2007), as classes Braille foram criadas, na década de 1950, para atender o aluno com deficiência visual integrado na sala regular. De acordo com a proposta da integração, o nome da classe foi mudado para sala de recursos para deficientes visuais. A sala de recursos é o local que objetiva a complementação ou suplementação das atividades escolares dos alunos do ensino fundamental ao médio, matriculados em classe comum, como um espaço integrado aos demais ambientes da escola.

A formação do professor especializado ocorre, de acordo com a explicitação dos parágrafos 2º e 3º do artigo 18, da LDBEN (Brasil, 1996):

§ 2º São considerados professores especializados em educação especial aqueles que desenvolveram competências para identificar as necessidades educacionais especiais para definir, implementar, liderar e apoiar a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular, procedimentos didáticos pedagógicos e práticas alternativas, adequadas aos atendimentos das mesmas, bem como trabalhar em equipe, assistindo o professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão dos alunos.

§ 3º Os professores especializados em educação especial deverão comprovar:

I – formação em cursos de licenciatura em educação especial ou em uma de suas áreas, preferencialmente de modo concomitante e associado à licenciatura para a educação infantil ou para os anos iniciais do ensino fundamental;

II – complementação de estudos ou pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento, para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

A formação também ocorrerá em nível de especialização em uma das áreas das deficiências ou relacionadas a áreas afins, no que concerne o parágrafo 4º do artigo 18.

Nos dias de hoje, muito se fala sobre inclusão escolar, processo que pressupõe o preparo do Sistema Educacional e envolve recursos humanos, materiais e mecanismos de suporte que assegurem o ingresso e a permanência de todas as crianças na escola. O aluno não tem que ser incluído, ou seja, quando há inclusão escolar, ele pertence, naturalmente, à escola.

A inclusão, sabe-se, continua a ser um processo que caminha e se estrutura, proporcionando oportunidades de aprendizagem e participação, na sociedade em geral, das pessoas que foram ou são excluídas no decorrer do percurso histórico.

A partir de um longo processo histórico e cultural, a inserção das pessoas com deficiência no contexto social e a consideração de que elas são parte integrante da sociedade e, portanto, possuem os mesmos direitos e deveres que os demais cidadãos têm se tornado cada vez mais imperativa, sendo um processo inexorável e irreversível. (NAMO, 2007, p. 25)

A Educação Inclusiva é produto de estudos, práticas e inúmeras discussões.

Na visão de RESENDE (2007, p. 8):

[...] o movimento de inclusão educacional no Brasil apresenta duas correntes: uma que defende a inclusão como forma de oposição à exclusão das pessoas com deficiência no ensino comum e na outra, os que discordam da inclusão indiscriminada, em que não se consideram as necessidades para o atendimento das pessoas com deficiência, sejam recursos humanos ou materiais.

A escola, atualmente com fundamental papel na sociedade, apresenta uma postura relevante nesse processo.

Segundo GASPARETTO et al. (2001), os professores do ensino fundamental, em geral, não recebem, em seus currículos de formação, preparo especial para lidar com alunos deficientes visuais.

Nesse meio, é importante e necessária a incorporação de conteúdos que levem ao conhecimento, competência e atitudes que auxiliem as mais diferentes situações de ensino e enfatize, principalmente, posturas de aceitação e respeito às diferenças individuais, no processo de formação continuada de professores (DALL'ACQUA, 2007).

Assim, corrobora-se a necessidade de conteúdos específicos para ações pontuais, na formação inicial e continuada do professor, especialista ou não, conteúdos e novos conhecimentos no que diz respeito às diferenças individuais e de ensino, definindo seu papel no cenário educacional e suas práticas pedagógicas.

3.3 A COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR – RECURSOS VOCAIS E CORPORAIS

A literatura nacional afirma que devido ao excesso do uso da voz e ao ambiente físico, desfavorável ao seu trabalho, os professores constituem categoria profissional propensa ao desenvolvimento de alterações vocais (VIOLA et al., 2000; FERREIRA et al., 2003).

O professor encontra dificuldade, como o despreparo, quanto ao uso vocal adequado, fato que não o faz perceber sua importância, no que diz respeito ao seu papel frente à uma situação de comunicação.

Além disso, esse mesmo profissional, na maioria das vezes, não recebe um preparo específico na sua formação, para o trabalho com os alunos que apresentam deficiência visual (TEMPORINI, 1988 e GASPARETTO et al., 2001).

A voz do profissional docente está mais direcionada ao processo ensino-aprendizagem, por apresentar conteúdos e objetivos a serem passados para os alunos. Nesse processo, vários fatores estão presentes e podem influenciar esse conteúdo, por meio da voz, fala, gestos, movimentos corporais, para o seu alunado que, justamente, se beneficiará desses recursos para reter informações e, conseqüentemente, aprender.

Com o propósito de investigar a expressão de emoções e atitudes do ponto de vista da análise funcional da prosódia audiovisual e da análise prosódica da estrutura do discurso, SWERTS e OSTENDORF (1997) relatam que a prosódia é como o conjunto dos aspectos supra-segmentais da fala e cada falante marca ou define suas produções por meio de escolhas de expressão. Diferentes graus de ativação do organismo estão refletidos nas características prosódicas de um falante, como por exemplo, a variação de extensão de *pitch*.

Autores, como FERREIRA (1992) e GARCIA (2000), consideram a importância da atuação fonoaudiológica para o uso social da voz, especificamente a análise vocal em toda a interação verbal, aspectos lingüísticos e sociais e não apenas os de ordem orgânica e física.

No estudo desenvolvido por DRAGONE (2000), profissionais da área da Educação comentam sobre a importância da comunicação entre professor e alunos e citam, ainda, a fala e expressão do professor como fundamentais recursos para tal comunicação, em especial para construir um elo entre a prática e a teoria.

O que se percebe é uma maior preocupação em abordar os aspectos da expressividade oral dos professores para que possam atuar mais efetivamente em sala de aula.

A educação, entendida como processo de aprimoramento do ser humano, deve incluir o desenvolvimento e aperfeiçoamento da expressão oral, uma vez que permite ao indivíduo estabelecer relações, apossar-se dos bens de sua cultura, além de compreender e reagir efetivamente ao mundo. Nesse processo, a

voz desempenha papel preponderante na transmissão de significados e suas alterações trazem prejuízos ao falante e ao ouvinte (SERVILHA, 1998).

A Fonoaudiologia começa a direcionar seu caminho para trabalhos sobre o tema expressividade e não mais fica voltada apenas às questões da voz como instrumento, numa preocupação específica com a prevenção de alterações e/ou promoção de saúde.

As autoras DRAGONE et al. (1998) apontaram a linguagem oral como meio pelo qual ocorre a freqüente troca de informações, no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, e relações interpessoais. A linguagem oral está evidentemente associada à voz, e, sabe-se que, de acordo com a qualidade vocal emitida, parâmetros negativos ou positivos podem ser percebidos. A voz do professor é seu principal instrumento de trabalho e ele necessita usá-la, por várias horas seguidas, vários dias por semana e vários meses ao ano, por muitos anos de exercício profissional.

ARRUDA (2003) relata que a expressividade oral dos professores que participaram de sua pesquisa foi capaz de influir, tanto positiva como negativamente, em seus ouvintes (professores do ensino médio). Seu estudo abordou uma análise perceptivo-auditiva e verificou a qualidade da voz, variação de *loudness* e *pitch*, o alongamento da sílaba, a velocidade de fala, a pausa e a articulação. A professora que foi escolhida como a preferida apresentou clareza, velocidade de fala, uso de pausas, qualidade de voz e intensidade vocal adequados.

Nas pesquisas de CHIEPPE e FERREIRA (2007), foram ressaltadas as características físicas e emocionais dos falantes (estudantes de graduação em Pedagogia), por meio da análise dos conteúdos e conceitos, no que diz respeito à expressividade desse público, utilizando discussões. Esse estudo teve como finalidade conhecer os sentidos pertinentes às áreas da Fonoaudiologia e Educação. As autoras notaram que a expressividade foi pouco valorizada para a docência. As habilidades comunicativas dos docentes tornam-se coletivas quando os problemas vocais são referidos como freqüentes e recorrentes e tais habilidades são vistas como características pessoais.

Assim, a sala de aula apresenta um caráter interativo e a voz torna-se um valioso instrumento expressivo para o ato da docência e o elo de ligação dos processos de comunicação e ensino – aprendizagem.

Ao levantarem, na literatura fonoaudiológica, teses, dissertações e capítulos de livros que abordam a expressividade oral e corporal, VIOLA e FERREIRA (2007) concluíram que a primeira é mais pesquisada quando comparada à segunda.

A questão da expressividade corporal, ou o corpo utilizado como recurso, continua pouco pesquisada, embora sua importância seja, cada dia mais, relevante.

É exatamente nesse momento que a participação do professor especializado é fundamental, pois ocorrerá a descoberta e a estimulação de todas as possibilidades auditivas, táteis, olfativas e cinestésicas e como utilizá-las nas atividades de vida diária, escolares, de orientação e mobilidade.

A princípio, para o trabalho do professor especializado, a expressividade oral, aliada à expressividade corporal, ou a utilização concomitante dos recursos vocais e corporais proporcionam um impacto positivo e um resultado mais eficaz na sua atuação com os alunos.

4 MÉTODO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, prospectivo e descritivo, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, sob o Protocolo nº 130/2008 (ANEXO 1).

4.1 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Considerando o número de professores especializados em deficiência visual da Rede Estadual de Ensino de São Paulo (aproximadamente 80) e definidos os critérios de inclusão, a saber: acuidade visual (vidente, cego e com visão subnormal) e tempo de experiência em sala de aula, foram escolhidos oito professores, sendo quatro videntes, dois cegos e dois com visão subnormal. Cinco deles, com até 10 anos de atuação e, outros três, com maior tempo, todos identificados, nesta pesquisa, pela letra P.

Os professores que participaram da pesquisa são do sexo feminino, com idade média de 37 anos (mínima de 25 e máxima de 42), com formação em Pedagogia, especialização em Educação de Deficientes Visuais e atuantes na Rede Estadual do Estado de São Paulo.

O Quadro 3 explicita o tipo de visão, idade e tempo de experiência das participantes, de acordo com a seqüência em que foi feito o contato com cada uma delas.

Quadro 3 – Caracterização dos sujeitos, segundo ordem em que foram contatados, tipo de visão, idade e tempo de experiência

IDENTIFICAÇÃO	TIPO DE VISÃO	IDADE (anos)	TEMPO DE EXPERIÊNCIA (anos)
P1	VIDENTE	40	13
P2	VISÃO SUBNORMAL	25	02
P3	VIDENTE	37	12
P4	CEGA	42	10
P5	VISÃO SUBNORMAL	25	01
P6	VIDENTE	30	09
P7	CEGA	36	10
P8	VIDENTE	40	21

4.2 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, optou-se por entrevistas individuais, com seis perguntas semi-direcionadas, previamente elaboradas por meio de um roteiro, que abordou o tema da comunicação entre professor e aluno, no ambiente de sala de aula.

Seguem as perguntas:

- 1) Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho?
- 2) Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função?
- 3) Descreva uma situação típica de trabalho, com seus alunos, e do que encontra no seu dia-a-dia.
- 4) Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento?
- 5) Como é o trabalho com os alunos em sala de aula?
- 6) O que poderia ser feito para melhorar?

Por meio de contato inicial direto e conversa informal, as perguntas foram apresentadas às professoras especializadas na área da deficiência visual. Diante do interesse de cada uma em participar da pesquisa, o convite foi formalizado e marcou-se uma data para que ocorresse o encontro entre a pesquisadora e as professoras.

O primeiro passo foi a entrega do termo de consentimento livre, esclarecido para participação voluntária no estudo e explicação do objetivo da pesquisa (ANEXO 2). Para as professoras que apresentam visão subnormal, o termo de consentimento foi entregue em tipo ampliado (ANEXO 3) e para as professoras cegas, o mesmo foi entregue em Braille (ANEXO 4). A identificação dos sujeitos, bem como o sigilo e a confidencialidade das informações, foi preservada.

4.3 REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS

Todas as entrevistas foram realizadas em um mesmo local, de fácil acesso, comum a todas as participantes e, em um mesmo dia, foram gravadas, com auxílio de um gravador de voz digital/MP3, da marca Sony.

O tempo médio de duração das mesmas foi de aproximadamente 15 minutos e todo o conteúdo das conversas foi analisado e transcrito de acordo com os critérios propostos por PRETI (2001).

As entrevistas transcritas foram submetidas à análise, que considerou os conteúdos dos relatos de acordo com a proposta de SPINK (1999), que preconiza a análise do desenvolvimento das idéias, dos fatos, da inserção em seu contexto histórico e social, a partir da abordagem de práticas discursivas e produção de sentidos.

Essa produção de sentidos, segundo a mesma autora, é uma prática social, dialógica, que visa a compreensão dos repertórios usados nas produções discursivas no cotidiano.

Para SPINK e MEDRADO (1999), as práticas discursivas são maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. Essa produção de sentidos ocorre como uma produção discursiva de indivíduos sempre em interação.

A instrumentalização para a investigação das informações empíricas, fornecidas pelos professores especialistas, foi subsidiada pelo Estudo das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano, referencial desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde – PUC-SP, coordenado e orientado pela Profa. Dra. Mary Jane Paris Spink.

Após o processo de análise das entrevistas coletadas, por meio de sucessivas leituras, e a definição e delineamento desse estudo, o primeiro passo foi o estabelecimento de categorias, de acordo com aspectos destacados no conteúdo das respostas, definidas da seguinte forma:

1. O trabalho da professora: a importância do uso dos recursos vocais e corporais, em sala de aula, para o trabalho com os alunos.
2. Situação típica de trabalho: situações vivenciadas pelo professor, em seu dia-a-dia; auxílios e dificuldades encontradas para trabalhar em sala de aula e o que ele precisa fazer para desenvolver o seu trabalho da melhor maneira possível.
3. Apoios necessários: apoio de outros profissionais, de familiares e recursos materiais e pedagógicos.

Tais categorias foram selecionadas com o objetivo de explicitar e organizar as respostas das professoras e para, principalmente, expor o ponto de vista de cada uma. A análise ocorreu separadamente, por grupos, e considerou-se todas as categorias.

Após a definição das categorias e organização do material, foram elaborados mapas de associação de idéias que permitiram a preservação da interação do contexto e possibilitaram a visualização do processo de interanimação diante das perguntas, mantendo o contexto dialógico intacto. O processo de interpretação ocorreu na própria organização dos conteúdos das entrevistas.

Mais especificamente, SPINK e LIMA (1999) esclarecem:

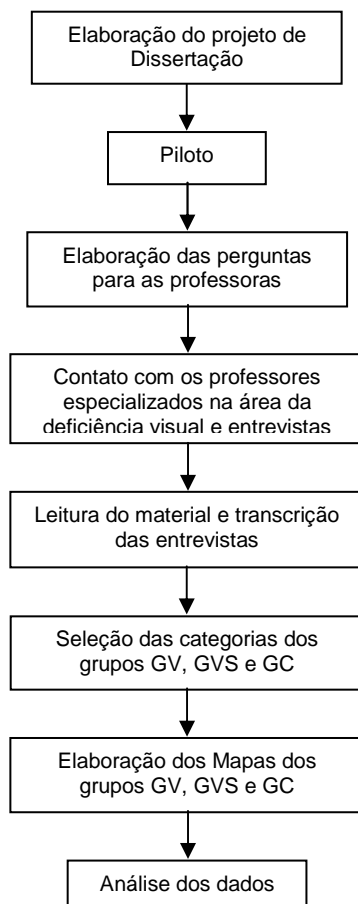
Os mapas têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção lingüística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentidos. Constituem-se instrumentos de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo. (SPINK e LIMA, 1999, p.107)

A apresentação dos resultados e a discussão dos dados serão ilustradas, quando necessário, por recortes dos discursos das participantes, identificadas pela letra (P) e número correspondente (de 1 a 8), fundamentado em referências bibliográficas encontradas.

Com o objetivo de demonstrar a análise das entrevistas realizadas, oito mapas constituídos encontram-se, integralmente, anexados no final do trabalho (ANEXO 5).

Os procedimentos metodológicos, desenvolvidos nesta pesquisa, estão resumidos na figura 1.

Figura 1 – Fluxograma dos procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa:



5 RESULTADOS

A partir da análise das entrevistas, foram elaborados três quadros com os procedimentos e métodos utilizados pelas professoras, em sala de aula, para o atendimento especializado dos alunos com deficiência visual, por meio de recursos vocais e corporais; situações típicas de trabalho e os apoios necessários.

O trabalho das professoras

Nesta categoria, é explicitada, no Quadro 4, a descrição do trabalho das professoras, em sala de aula, realizado por meio de recursos vocais e corporais.

QUADRO 4 – DESCRIÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA, POR MEIO DOS RECURSOS VOCAIS E CORPORAIS, SEGUNDO O GRUPO DE PARTICIPANTES VIDENTES (GV), COM VISÃO SUBNORMAL (GVS) E CEGOS (GC)

Grupo	Recursos Vocais	Recursos Corporais
GV	Recurso que auxilia a complementação das informações	Utilização do seu corpo e do corpo do próprio aluno para auxiliar a explicação
	A voz é muito importante para o professor de deficientes visuais	O trabalho corporal é muito importante
	Primordial, fundamental	Trabalho de orientação e mobilidade
	Maior instrumento de trabalho	O corpo nem sempre vai ser fundamental
	O professor que trabalha com criança cega é o que mais usa a voz	Importância postural
	A voz é a espinha do trabalho	Questão da disposição do ambiente de sala de aula
	Mola mestre de tudo	Exploração do ambiente
	Comunicação para o deficiente visual é fundamental	
	Interação pessoal com o aluno	
	Vínculo, o aluno se guia pela voz	
	Através da voz é alcançado o objetivo com o aluno	

Grupo	Recursos Vocais	Recursos Corporais
GVS	Auxiliam, de acordo com a entoação da voz	Importante para visualizar os pequenos gestos
	Para o deficiente visual, a expressão ocorre por meio da entoação	Não há como dividir a pessoa
	Professor percebe o humor do aluno através da voz	O rosto dele é uma reação
	O recurso da voz é inquestionável, é tudo	Postura corporal
	Sentimento	Gestos, toques
	Capta o sentimento por meio da voz	Expressão corporal
	Era digital, gravações de mídias, entre outras	Recurso para as explicações
	Tudo para o deficiente visual envolve a audição	Trabalho de orientação e mobilidade
	Através da voz, o aluno identifica o professor e os conteúdos trabalhados	
	Reconhece as pessoas	
GC	A voz carregada de detalhes e informações	Utilização do seu corpo e do corpo do próprio aluno para auxiliar a explicação
	Auxiliam o aprendizado	Auxiliam o aprendizado
	Por meio da voz e da fala é passado o maior número de informações	Trabalho de Orientação e mobilidade
	Quando rouca, vê-se impossibilitada de trabalhar	
	A comunicação oral é de extrema importância	
	Necessários para antecipar as situações	

Situação típica de trabalho

Na seqüência, no Quadro 5, são ilustradas, de forma resumida, as situações típicas de trabalho do professor e sua atuação em sala de aula.

QUADRO 5 – DESCRIÇÃO DE SITUAÇÕES TÍPICAS DE TRABALHO EM SALA DE AULA E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR, SEGUNDO GRUPO DE PARTICIPANTES VIDENTES (GV), COM VISÃO SUBNORMAL (GVS) E CEGOS (GC)

Grupos	Situação	Atuação
GV	Recebe alunos de várias etapas escolares, alunos cegos ou com visão subnormal	Desenvolve o trabalho da sala regular na sala de recursos
	Crianças com mais ou menos comprometimentos	Buscar sempre novas informações
	Sala regular com número excessivo de alunos	Trabalho mais específico na sala de recursos
	Envolvimento com questões pessoais	Estrutura e equilíbrio para atuação
	Atendimentos semanais	Adaptação de materiais específicos
	Participações em reuniões	Dicas de orientação e mobilidade e atividades de vida diária
GVS	Passar para o aluno que a voz é a expressão do rosto	Dicas de orientação e mobilidade e atividades de vida diária
	A voz é o cartão de visita do aluno	
	Situações de leitura, oral e escrita	
GC	Trabalho com frações ou gráficos	Trabalho com o uso da voz e do material concreto
	Trabalhos de complementação de matérias, cópia de uma matéria, entre outras atividades	Descrição de todas as ações que acontecem em sala de aula

Apoios necessários

Após análise das entrevistas, foi possível a realização do levantamento dos apoios necessários para o desenvolvimento do trabalho das professoras entrevistadas, apresentados, a seguir, no Quadro 6.

QUADRO 6 – DESCRIÇÃO DOS RELATOS SOBRE OS APOIOS NECESSÁRIOS, SEGUNDO O GRUPO DE PARTICIPANTES VIDENTES (GV), COM VISÃO SUBNORMAL (GVS) E CEGOS (GC)

Grupos	Apoios	Objetivos
GV	Busca de outros profissionais, como fonoaudiólogos	Suporte para o aluno
	Busca de recursos materiais pedagógicos específicos	
	Da equipe escolar, comunidade, família	
	Recursos da área da saúde	
GVS	Apoio e orientação de um fonoaudiólogo	Desenvolver um trabalho vocal para atuação específica com os alunos
	Da sociedade	Subsidiar o trabalho com o aluno em sala de aula
	De professores do ensino regular	
	Da família	
GC	Recursos específicos e adaptação de materiais (Braille e material concreto)	Suprir e complementar o que faltou no ensino comum
	Parceria com a família	Incentivar o aluno e dar seqüência ao trabalho em casa
	Oportunidades	Desenvolver habilidades e competências
	Capacitação de professores do ensino regular	Atuação com o aluno em sala regular
	Outros profissionais, como psicólogos	Assistência à família e ao aluno

6 DISCUSSÃO

De acordo com os resultados, nota-se a importância dada aos recursos vocais e corporais para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Todas as professoras entrevistadas consideraram o uso da voz fundamental e inquestionável para a passagem de conhecimento que ocorre na relação aluno-professor, assim como a utilização do seu corpo, e o do próprio aluno, para complementar as explicações.

Nos recortes das declarações de P1 e P8, percebe-se a relevância dada a esses recursos e os comentários que ressaltam o trabalho do professor especializado:

“fundamental... eu acho que é fundamental porque é o maior instrumento de trabalho que a gente tem né?... a voz... éh:... de todo o professor... principalmente do professor de cego... eu acho que é... o professor que trabalha com criança cega é o que mais usa a voz... é o que mais fala, porque ele tem que tá com... então tudo depende de muitas informações né?... então você tem que usar muito mais a voz do que o professor comum apesar que o professor também utiliza a voz... pra ele também é um instrumento de trabalho muito importante mas de cego então é ao quadrado a importância...” (P1)

“Bom...: a voz é fundamental para o contato com o aluno porque é através dela... pelo aluno ter uma audição mais aguçada do que a nossa... então a voz é fundamental porque ela serve como guia pra tudo aquilo que você vai orientar... informar... para ajudar no aprendizado do aluno... então ela é SUPER IMPORTANTE pra esse primeiro contato que você tem com o seu aluno...” (P8)

Embora a importância seja mencionada, os recursos vocais mereceram maior atenção da Fonoaudiologia, a partir de pesquisas mais atuais, como as de SOUZA e FERREIRA (1998). Para TEMPORINI (1988) e GASPARETTO et al. (2001), o professor, na maioria das vezes, não recebe um preparo específico, em sua formação, para o trabalho com os alunos que apresentam ou não deficiência visual.

Pode-se dizer que o ensino da criança que apresenta deficiência visual é semelhante ao da criança vidente, e consiste na fixação de conceitos por meio de recursos audiovisuais, com a preocupação do professor em fazer a transposição dos materiais do modo visual para o tátil (LAPLANE e BATISTA, 2003). Contudo, a deficiência do aluno cego potencializa a força dos recursos vocais e P2 e P3

comentam a possibilidade de uma pessoa reconhecer ou perceber o estado de humor, por meio da voz, tanto da parte delas, quanto de seus alunos:

“... pro deficiente visual você se expressa através da entonação e ele vai conseguir perceber bem melhor o jeito, o... como eu vou colocar pra você... é difícil... o seu tom mesmo, se você for agressiva no modo de explicar ele vai conseguir sentir... e ele mesmo dá o retorno, você consegue e eu sendo baixa visão eu também consigo captar isso do aluno mesmo sem eu ter noção total, corporal dele... é... de como ele tá reagindo através da voz dele ou pequenos gestos eu consigo visualizar.”
(P2)

“... vou estar assim... tentando explicar de outras maneiras com outras palavras... numa entonação e aí ele vai perceber... por exemplo... se eu estou com paciência suficiente pra tar orientando... se eu estou irritada porque ele não está entendendo... essa interação até mesmo pessoal pra com o aluno na hora do atendimento ele vai se basear na voz...” (P3)

Nota-se, nas pesquisas fonoaudiológicas com docentes, a preocupação com a questão do levantamento do perfil vocal desses profissionais, como visto em DRAGONE et al. (2008). No entanto, para que o professor possa ministrar sua aula com maior efetividade, é necessário que seja dada atenção também às questões da voz, como expressão.

No caso das professoras entrevistadas, nesta pesquisa, esse tema é ainda mais prioritário, pois é por meio desses recursos que os alunos captam melhor aquilo que lhes é ensinado. Pode-se imaginar a contradição de uma voz com entonação descendente, mais agravada, com velocidade diminuída, estar presente numa explicação de algo que se quer transmitir alegria; ou, por outro lado, uma voz com curva ascendente, mais agudizada, com velocidade aumentada, no momento em que se apresenta algo que requer seriedade.

De acordo com MEDRADO (2002), a construção da voz ocorre por meio social, da vivência e convivência, por exposição a vários modelos de vozes. A voz acaba por ser um meio de identificação sensorial, por parte de quem a escuta e o interlocutor sempre atribui um sentido a ela. Pode-se dizer que a voz nunca vem sozinha.

Em sala de aula, de professores e alunos videntes, a linguagem e a voz são os recursos mais utilizados como estratégias para que o aluno foque sua atenção no professor e participe das atividades (SERVILHA, 2007). No caso das

professoras entrevistadas, isso acontece com maior intensidade, uma vez que o aluno precisa direcionar toda a sua atenção ao que é dito.

Para BARROS FILHO (2005) o interlocutor, por meio do modo como se produz um enunciado, atribui um sentido à voz, uma vez que a mesma é um objeto de construção social e seu uso é parte de um processo de socialização e não somente um ajuste fisiológico motor. Pode-se concluir que a voz é construída por meio de um aprendizado e essa visão também é discutida por vários autores (SCHERER, 1979; LAVER, 1994; PITTAM, 1994; DRAGONE et al., 1998; VIOLA, 2006, entre outros).

O ouvinte fica com a função de interpretar o discurso de quem está falando e muitas vezes, o falante não percebe as particularidades de sua própria fala, por ser esta produzida com naturalidade (VIOLA, 2006).

A interpretação dessas percepções, somada ao olfato, ao captar os odores do ambiente e, principalmente, à audição, que passa a ser a via mais importante na organização dos sons recebidos, por meio do eco dos próprios passos, dos ruídos e barulhos de toda ordem, fornecem inúmeras pistas para a orientação dos envolvidos numa atividade de ensino-aprendizagem (LORA, 2000).

Ao comentar a respeito da importância das características vocais para a relação ensino-aprendizagem, em sala de aula, o GV (P8) trata a voz como um instrumento específico de trabalho:

“Bom... ah: a voz é fundamental para o contato com o aluno porque é através dela... pelo aluno ter uma audição mais aguçada do que a nossa... então a voz é fundamental porque ela serve como guia pra tudo aquilo que você vai orientar... informar... para ajudar no aprendizado do aluno... então ela é SUPER IMPORTANTE pra esse primeiro contato que você tem com o seu aluno...” (P8)

No entanto, o GVS priorizou a questão da entonação da voz como meio de expressão. Através dela, tanto aluno quanto professor conseguem perceber diferenças de humor e fazem atribuições às pessoas de acordo com as características vocais, fato que ratifica os estudos de SWERTS e OSTENDORF (1997). Para ilustrar, seguem as falas de P2 e P5:

“Os recursos vocais... é... no meu ponto de vista, auxiliam muito de acordo com a entonação da voz que se dá, acredito que pro deficiente visual você se expressa através da entonação e ele vai conseguir perceber bem melhor o jeito, o... como eu vou colocar pra você... é difícil... o seu tom mesmo, se você for agressiva no modo de explicar ele vai conseguir sentir... e ele mesmo dá o retorno.” (P2)

“ele já... às vezes... se... a gente... de repente tá dentro de uma sala de aula... chega uma pessoa conversando ele pode reconhecer essa pessoa através da voz... e é assim...” (P5)

Para realizar um trabalho mais eficaz, o GC demonstra preocupação até com a qualidade vocal, ao lembrar que se está alterada, ou comprometida, impossibilita o trabalho em sala de aula, diferentemente do que foi relatado pelo GV, ou mesmo por professoras de alunos videntes, que mesmo frente a uma alteração de voz não deixam de ministrar suas aulas. Um dos integrantes do GVS (P7) sugere, até mesmo, o desenvolvimento de um trabalho vocal, com ajuda de um fonoaudiólogo, para atuação específica com os alunos:

“Pra mim é fundamental porque... se éh... como eu escolhi ser professora... como eu tenho a deficiência visual... se eu estou sem a voz... - por exemplo - ... se eu fico rouca... eu me vejo impossibilitada de trabalhar... porque... pra mim a comunicação oral pra mim é de extrema importância...” (P7)

Tanto o GVS quanto o GC têm a voz como um meio de expressão, pois sabem da necessidade de uma fala mais rica em informações, da maior descrição oral possível dos objetos, do ambiente, das atividades, etc. Sabem que quando apresentam alguma alteração vocal se vêem impossibilitadas de trabalhar, diferentemente do que ocorre no GV, que quando apresentam alguma alteração vocal podem ter mais dificuldades, mas não ficam impossibilitadas.

É aqui que se pode salientar o trabalho com a expressividade, por abordar a comunicação em sua totalidade, o que é corroborado pelas falas descritas anteriormente, contemplando a voz como um meio de expressão imbuída de todas as suas características.

É colocado, portanto, um alerta quanto ao direcionamento da atuação fonoaudiológica, que precisa ser encaminhada para um outro foco, ainda pouco discutido, que não apenas o específico, da saúde vocal, mas aquele que trata dos recursos vocais, importantes para a atuação do professor em sala de aula, com qualquer tipo de aluno, na relação ensino-aprendizagem (FERREIRA, 1992; DRAGONE et al., 1998; SERVILHA, 1998; SOUZA e FERREIRA, 1998; DRAGONE, 2000; VIOLA et al., 2000; GARCIA, 2000; ARRUDA, 2003; FERREIRA et al., 2003; CHIEPPE e FERREIRA, 2007 e DRAGONE et al., 2008).

Na declaração de P3 (GV) percebe-se também a importância dada aos recursos vocais, com maior destaque do que os corporais:

“Focando mais uma vez a oralidade... eu acho que é assim... é fundamental mesmo... é a mola mestre de tudo... [...] já o corpo nem sempre eu acho que vai ser tão fundamental... dependendo do conteúdo a ser trabalhado na sala de aula... então em determinadas situações... dependendo das... da professora... se é criança... se é adolescente... se é jovem... dependendo do conteúdo que tá sendo trabalhado... então esse contato físico... essa explicação física tem a sua importância mas não é fundamental como a voz... a voz eu acho que é a espinha do trabalho...” (P3)

Ao falar sobre o recurso vocal, o GVS foi o que mais o priorizou como instrumento de trabalho, nos recortes de P2 e P5:

“Os recursos vocais... é... no meu ponto de vista auxiliam muito de acordo com a entonação da voz que se dá, acredito que pro deficiente visual você se expressa através da entonação e ele vai conseguir perceber bem melhor o jeito... [...] Sentimento! Sentimento eu acho que é tudo, você consegue captar através da voz...” (P2)

“Ah... a voz é de fundamental importância... principalmente pro dv porque é através dela que o aluno consegue identificar o professor... identificar os conteúdos que estão sendo trabalhados... Eu acho que é muito importante principalmente pro deficiente visual porque ele tem que estar escutando TUDO... o deficiente visual tudo envolve o que? a audição... então a fala da professora e como ele fala é muito importante...” (P5)

A relação entre os interlocutores cria sentidos múltiplos, uma vez que os fatos da língua estão inseridos em um contexto.

Nos relatos do GC, os recortes de P4 e P7 ilustram a relevância de uma fala clara, sem alterações e rica em informações:

“... o que eu digo sempre é o seguinte é óbvio que uma pessoa com deficiência... o que é óbvio pra vocês que têm a visão não é para uma pessoa sem a visão... então é de fundamental importância a fala rica em informações.” (P4)

“Pra mim é fundamental porque:... se éh:... como eu escolhi ser professora... como eu tenho a deficiência visual... se eu estou sem a voz... - por exemplo - ... se eu fico rouca... eu me vejo impossibilitada de trabalhar... porque... pra mim a comunicação oral pra mim é de extrema importância...” (P7)

As entrevistadas também relataram a importância da utilização dos recursos corporais, em seu trabalho, associados aos recursos vocais, principalmente na questão de orientação e mobilidade. A voz também é vista como um vínculo, uma vez que é carregada de informações e emoções:

“... então se ele não puder tocar o corpo... e se você não puder usar o corpo para pode expressar e ficar só na voz você dá poucas informações e a criança cega precisa de muitas informações e também o trabalho corporal é muito importante... se você não for no corpo-a-corpo... se você não se envolver com ela fisicamente... então no jogo... numa brincadeira... não tem condições de você chegar na criança... então acho que voz é muito importante para o professor de deficientes visuais... a gente se comunica muito... a gente fala muito com os alunos mas o corpo também é muito importante...” (P1)

Para COTES (2008), os gestos, utilizados para complementar os aspectos pragmáticos da interação, compreendem também a parte psicológica e neurológica, por fazerem parte da comunicação humana.

A questão do corpo como referência no espaço, como forma concreta e presente no mundo, é muito importante para os alunos que apresentam deficiência visual:

“oriento os professores de sala e atividades de OM (orientação e mobilidade) eu faço com eles no interior das escolas, onde eles estudam e aqui na escola onde funciona a sala de recursos...” (P7)

As respostas, em relação ao uso do corpo como recurso, para o GVS, vão além do trabalho de exploração do ambiente, orientação e mobilidade até a importância de ver o aluno como um todo, e qualquer gesto ou reação corporal é considerado:

“gestos... bem poucos, mais toques, não sei se expressão corporal, se o toque entra também em expressão corporal, que a gente trabalha muito toque... tocar na coisas, sentir a expressão do outro através do toque... [...] expressão do rosto que ajuda bastante...” (P2)

Percebe-se que, para o trabalho das professoras, o GVS foi o que mais priorizou as características vocais como a entoação, por exemplo, a percepção do humor e sentimento. Por sua vez, a questão dos recursos corporais, como a questão da orientação, mobilidade e exploração do ambiente, foi mais destacada pelo GV.

O locutor, de acordo com o meio em que se insere, apresentará características orais, corporais e discursivas percebidas por meio da expressividade, que demonstra subjetividade e singularidade. Tais situações instituem efeitos próprios de sentido. A gestualidade oral e corporal revelam dados do falante, por meio dos quais o ouvinte pode fazer inferências sobre aspectos biológicos, psicológicos e sociais (VIOLA e FERREIRA, 2007).

Para as professoras, o estabelecimento de outros recursos, como educacionais e pedagógicos, vínculos de confiança e afetividade são importantes para o trabalho com os alunos e também com as famílias que apresentam deficiência visual. A orientação familiar, feita pelo professor especializado, é considerada fundamental para o acompanhamento e desenvolvimento das atividades em casa, como comenta P4:

“... coloquei Braille eu trabalhei também o concreto com essa torta em madeira... gráficos que também é uma outra adaptação... éh:... e a questão da parceria... família é base... acho que tem que ter um envolvimento maior, a família precisa incentivar esse aluno e infelizmente o que acontece é isso... a nossa família ela ainda... isso eu não estou generalizando... (P4)

Nas situações típicas de trabalho, nota-se que o GV considera como ponto principal a questão da orientação do professor, da sala regular, o número excessivo de alunos com o qual ele trabalha e as participações em reuniões da equipe escolar. O GC trabalha com as informações vocais e a descrição de todas as ações, mais o material concreto. Soma-se a importância da orientação dos professores do ensino regular e as orientações específicas no atendimento individualizado, na sala de recursos.

As relações interpessoais são fundamentais para o desenvolvimento do comportamento do indivíduo e as expectativas e atitudes, principalmente da família, da sociedade e dos demais meios de convivência são importantes para o ajuste de qualquer pessoa. Quando a criança perde a visão, as experiências sensoriais acontecerão por meio dos outros sentidos, não prejudicados, de forma compensatória, pelas experiências significativas e, somente assim, a pessoa com deficiência visual poderá desenvolver sua capacidade de interpretar e utilizar as informações adquiridas (LORA, 2000).

Embora a pessoa que apresenta uma deficiência visual tenha dificuldade na formação de conceitos e na sua forma de perceber, uma vez que sua condição a impede, em alguns aspectos, ela consegue formar tais conceitos e é capaz de reproduzi-los em diferentes materiais e inúmeros objetos, por meio de auxílio de outra pessoa.

Na visão de CHIEPPE e FERREIRA (2007), a impressão do afeto que a voz desencadeia na relação ensino-aprendizagem, nas relações escolares, de pais e nas de aluno-professor, aponta quão específica é a atividade do professor.

Segundo os relatos, as professoras apontaram diferentes direções, como no que diz respeito aos recursos materiais e equipamentos, que as salas de recursos estão bem equipadas e, dessa forma, consideram necessário o acompanhamento de profissionais da saúde, como psicólogo e fonoaudiólogo para trabalharem em conjunto com o professor especializado. No caso desse último, solicitam um trabalho voltado para a orientação do uso adequado da voz e até mesmo pedagógica:

“... bom... meu trabalho, o que poderia ser feito é o apoio de uma fonoaudióloga na escola que não tem isso, é algo que falta muito porque... mesmo pra nós profissionais da área ajudaria, alguns toques que a fono pudesse estar dando para que nós pudéssemos pôr em prática com o aluno, com o aluno múltiplo, com o aluno só deficiente visual, né, ou cego total, então a presença de uma fono na escola... ah... que mais que ajudaria... ah... um estúdio de gravação, orientação de fono, não sei se hoje isso existe mas eu acredito que não...” (P2)

“Olha... se a gente pensar em melhoria na sala de aula fica até difícil porque... nossa realidade no Estado de São Paulo não é algo que a gente possa reclamar... nós temos na sala de aula a televisão com a telelupa... nós temos o recurso do computador com a impressora e o scanner... nós temos... a... na sala os aparelhos de soroban... materiais lúdicos... então assim... os recursos de capacitação... a gente sempre vai pra São Paulo pra fazer... estar recebendo e dando continuidade... então essa formação continuada... éh:... fica complicado assim dizer o que poderia melhorar... claro que sempre tem o que melhorar...” (P3)

No que diz respeito a esses apoios, observa-se uma concordância nas respostas das professoras, dos três grupos, em relação à importância do auxílio de outros profissionais, de áreas afins; busca de recursos materiais e pedagógicos específicos e apoio da equipe escolar, da família e da sociedade, em geral, para oferecer suporte ao aluno e desenvolver suas habilidades e competências.

É importante destacar, nessa direção, que, segundo as professoras, os recursos materiais são suficientes para que possam desempenhar o papel de educadoras, mas, para que isso seja ainda mais efetivo, é necessário ampliar o grupo de recursos humanos nas escolas e trazer, a princípio, profissionais da saúde. Os que forem destacados para desenvolver esse trabalho deverão ter a perspectiva de que a linha fronteira, entre a educação e saúde, é tênue, para que não aconteça a patologização das questões que surgirem, no decorrer do trabalho conjunto com os professores.

Para algumas professoras, recursos específicos ainda são necessários e, mais que tudo, dizem respeito à colaboração, ao incentivo e ao acompanhamento da família, no desenvolvimento pedagógico do aluno, e ao apoio da sociedade.

Comentam da necessidade de uma maior conscientização, por parte da sociedade, para que seja possível rever as condições de inserção do aluno que apresenta deficiência visual. Quanto a esse aspecto, chamam atenção para a necessidade de melhorias quanto ao acesso aos meios de comunicação e cultura:

“O que poderia ser feito para melhorar?... ai... tanta coisa né?... muita coisa... acho que um aspecto maior é o recurso... que os recursos fossem mais baratos... que no momento que o aluno precisasse de um atendimento médico a gente pudesse ter um braço estendido que pudesse ajudar... sabe... oferecer um recurso óptico...” (P1)

“Olha, o primeiro passo... o aluno com deficiência visual ele precisa querer... é o primeiro passo e... assim eu acho que... é a conscientização que precisa ser feito... porque infelizmente ainda nós temos uma sociedade um pouco de descrédito... às vezes até pela família... então precisa ter o que] um envolvimento... e a questão da parceria... família é base... acho que tem que ter um envolvimento maior a família precisa incentivar esse aluno e infelizmente o que acontece é isso... a nossa família ela ainda... isso eu não estou generalizando... mas tem família que ela assim...” (P4)

“... a conscientização da sociedade melhor... né?... porque os professores também do ensino regular estão ajudando aquele aluno porque o trabalho da gente não tem um andamento se o professor do ensino regular não der essa base pro aluno... não cobrar do aluno se o professor não cobrar desse aluno ele não vai ter o interesse...” (P5)

“Éh:... pedagogicamente falando... eles reclamam muito de não ter livro falado... mas livros assim... sabe... não é só literatura brasileira... eles querem Sidney Sheldon... querem coisas diferenciadas... eu tenho uma aluna que assim já leu e já ouviu tudo que tinha lá... né?...” (P6)

“... como eu escolhi ser professora... como eu tenho a deficiência visual... se eu estou sem a voz... - por exemplo - ... se eu fico rouca... eu me vejo impossibilitada de trabalhar... porque... pra mim a comunicação oral pra mim é de extrema importância...” (P7)

Nos discursos de P4 e P7, a questão da orientação dos professores de sala regular e da sua melhor capacitação é um grande diferencial para o trabalho do professor em sala de recursos e para o maior entendimento do papel desse profissional. A contribuição ocorre, também, para o processo de inserção da pessoa com deficiência no contexto social (DALL'ACQUA, 2007 e NAMO, 2007), a partir do recorte de P4:

“... o que acontece é isso... eles não entendem o nosso trabalho que é um trabalho direcionado... não tem como você pegar um aluno do ensino médio e colocar junto com um aluno que está numa primeira série... são trabalhos diferentes... então é de acordo com a necessidade do aluno...”

o aluno está matriculado no ensino comum e inscrito na sala de recursos... (P4)

De acordo com as respostas das professoras, quanto aos recursos específicos, a sala de aula deve ser bem equipada para o desenvolvimento, com qualidade, do trabalho pedagógico, com alunos que apresentam ou não deficiência visual (MAZZARO, 2007). Em especial, sobre o contexto na escola com alunos que apresentam visão subnormal, RESENDE (2007) enfatiza a necessidade de materiais, como por exemplo: livros em caracteres ampliados, recursos ópticos e não ópticos, equipamentos eletrônicos e de informática.

Todos os grupos trabalham praticamente da mesma maneira, utilizando recursos vocais e corporais, e apresentam, quase sempre, as mesmas situações, as mesmas dúvidas, angústias, soluções e sucessos, em sala de aula.

Porém, a partir dessas entrevistas, os grupos mostraram algumas diferenças em suas respostas, como, por exemplo: o GV considerou importante as parcerias com a família, com a equipe escolar, com a comunidade e, principalmente, com o professor da sala regular. Notou-se também, em relação ao uso da voz em sala de aula, que mesmo apresentando alguma alteração continuam seu trabalho, pois têm a possibilidade de utilizar recursos auxiliares.

O GVS priorizou mais a entoação, a voz como meio de expressão e sentimento, a questão do sentir o outro por meio do toque, a necessidade da clareza das palavras e como a comunicação, em sala de aula, é importante.

Por sua vez, o GC enfatizou uma fala rica em informações, a importância dos recursos vocais e a questão da descrição do ambiente e das ações e, principalmente, no que diz respeito às alterações vocais, caso ocorram, prejudicam o trabalho, pois a voz é seu principal meio de comunicação.

Interessante mencionar a mobilização despertada por esta pesquisa, em suas entrevistadas, quando, ao final, disseram que a participação neste trabalho permitiu prestar atenção sobre o quanto a voz é importante.

Dessa maneira, cada um dos grupos apontou aspectos semelhantes ou diferenciais em sua atuação, em sala de aula, de acordo, também, com as suas próprias necessidades.

Essa interação, no trabalho desses profissionais, é que possibilita a produção de sentidos e posicionamento nas práticas cotidianas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido atribuído à expressividade oral e sua prática, de acordo com as professoras especializadas na área da deficiência visual, participantes desta pesquisa, contribuiu para reconhecê-la como principal meio de comunicação com seus alunos, em sala de aula.

As práticas pedagógicas das professoras subsidiam-se no princípio de fornecer todos os possíveis detalhes e informações a respeito do conteúdo, adaptar materiais, orientar quanto à mobilidade, entre outros, por meio de recursos vocais e corporais.

A importância da voz para o desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual é explicitada nos relatos que a consideram essencial para a convivência desse sujeito, no contexto social e escolar.

Se a expressividade, tanto oral quanto gestual, é um processo de produção de sentidos, na relação entre as ações do professor e a recepção e interpretação do aluno, existe sempre a possibilidade de produção de novos sentidos. Estes são permeados no contato constante entre os interlocutores, pela cultura em que esses estão inseridos e das atribuições dadas aos aspectos da fala e do corpo.

É interessante apontar que todas as professoras (videntes, com visão subnormal ou cegas) apresentam as mesmas preocupações, entre os princípios e métodos, em sala de aula, cada qual utilizando recursos próprios de interação com os alunos e trabalhando com as necessidades específicas de cada um.

Tanto professores de alunos videntes quanto os de alunos que apresentam necessidades especiais não recebem orientação sobre o uso da voz, em contexto ocupacional. Portanto, especial atenção deve ser dada ao fato das professoras entrevistadas terem destacado as questões da voz de forma diferenciada quando comparadas aos professores de alunos videntes. Enquanto os professores de classes regulares valorizam mais a voz como instrumento de trabalho, as professoras entrevistadas destacam a vertente expressiva da voz, que, em conjunto com os recursos corporais, auxiliam no ensino-aprendizagem de seus alunos.

Para que aconteça uma maior aproximação entre a Fonoaudiologia e a Educação, outras pesquisas, que abordem a temática da voz do professor como recurso pedagógico, serão fundamentais.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves DO. Sala de recursos multifuncionais; espaços para atendimento educacional especializado. In: Alves DO; Gotti MO; Griboski CM; Dutra CP. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; 2006. p. 26.

Arruda AF. Expressividade oral de professoras: análise de recursos vocais. [Dissertação de Mestrado]: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2003.

Barraga N. Increased visual behavior in low vision children. 2nd ed. New York: American Foundation for the blind; 1977. 180 p.

Barros Filho CA. A construção social da fala. In: Kyrillos L. (org.) Expressividade: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. pp. 27-42.

Brasil. Ministério d Educação. Direito à Educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais – Orientações gerais e marcos legais. Brasília: MEC/SEESP; 2004.

Brasil. Ministério da Educação. Programa de Apoio Nacional à Educação de Deficientes Visuais. Formação de professor. Deficiente visual Educação e reabilitação. Brasília, MEC/SEESP; 2002.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Documento Subsidiário à Política de Inclusão. Brasília: MEC/SEESP; 2005.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades educacionais e especiais: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual. Brasília, MEC/SEESP; 2002. 82 p.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP; 2008.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. Brasília: MEC/SEESP; 2001a. (Série Atualidades Pedagógicas; 6, v.1)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. Brasília: MEC/SEESP; 2001b. (Série Atualidades Pedagógicas; 6, v.2).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Deficientes Visuais: formação de professores. Brasília: MEC/SEESP; 2002.

Centro de Apoio Pedagógico Especializado (CAPE). Acesso em: 02 de abril de 2008. Disponível em: <<http://cape.edunet.sp.gov.br>>

Chieppe DC; Ferreira LP. A interlocução entre a fonoaudiologia e a docência. *Distúrbios de Comunicação*, São Paulo; agosto, 2007. 19(2): 247-256.

Cotes CSG. Os estudos dos gestos vocais e corporais no telejornalismo brasileiro. [Tese de Doutorado] São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2008. 200 p.

Crós CX; Maturama L; Oliveira Filho CW; Alemida JJG. Classificação da deficiência visual: compreendendo conceitos esportivos, educacionais, médicos e legais. Buenos Aires: revista Digital, 2006. Acesso em: 04 de Agosto, 2008. Disponível em: <<http://www.efesportes.com>>.

Dall'Acqua MJC. Atuação de professores do ensino itinerante face à inclusão de crianças com baixa visão na educação infantil. *Paidéia*; 2007. 17(36), 115-122.

Dragone MLS. A voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho [Dissertação de Mestrado] Araraquara: Universidade Estadual Paulista; 2000.

Dragone MLS; Ferreira LP; Zenari MS; Giannini SPP. A voz do professor. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia* [CD-ROM] 2007; Supl. Esp. [Apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. Campos do Jordão/SP/Brasil; 2008].

Dragone MLS; Reis R; Sichirolli S; Behlau MS. O desgaste vocal do professor: um estudo longitudinal. In: Behlau, M. (org.) *Laringologia e voz hoje*. Temas do IV Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz. Rio de Janeiro: Revinter; 1998. p. 413.

Ferreira LP. (org.) A avaliação da voz: o sentido poderia ser outro? In: *Um pouco de nós sobre a voz*. São Paulo: Pró-fono, 1992. pp. 29-38.

Ferreira LP; Benedetti PH. Condições de produção vocal de professores de deficientes auditivos. *Rev. CEFAC*; 2007. 9(1), 79-89.

Ferreira LP; Gianini SPP; Figueira S; Silva EE; Karmann DF; Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da Prefeitura do Município de São Paulo. *Revista Distúrbios da Comunicação*, volume 14, número 2, Junho, 2003.

Ferreira LP; Oliveira SMRP. (org.) *Voz Profissional: Produção Científica da Fonoaudiologia Brasileira*. 1ª ed. São Paulo: Roca; 2004. v. 1, 108 p.

Garcia RAS. Operadores de telemarketing: os múltiplos sentidos da voz. *Dissertação de Mestrado*] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.

Gasparetto MERF; Temporini ER; Carvalho KMM et al. O aluno portador de visão subnormal na escola regular: desafio para o professor? *Arq. Bras. Oftalmologia*; Jan./Fev. 2001, vol. 64, nº 1, pp. 45-51.

Instituto Benjamim Constant (IBC). Acesso em: 12 de Junho de 2007. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br>>.

Laplane ALF; Batista CG. Um estudo das concepções de professores de ensino fundamental e médio sobre a aquisição de conceitos, aprendizagem e deficiência visual [Resumo]. Anais do I Congresso Brasileiro de Educação Especial – IX Ciclo de Estudos sobre Deficiência Mental, São Carlos, UFSCar; 2003. pp.14-15.

Laver, J. Principles of phonetics. Cambridge: Cambridge University Press; 1994. 707 p.

Lora TDP. O professor especializado no ensino de deficientes visuais: um estudo centrado em seus papéis e competências. [Tese de Doutorado] São Paulo: Universidade e São Paulo; 2000. p. 15.

Mazzaro JL. Baixa visão na escola: conhecimentos e opiniões de professores e pais de alunos deficientes visuais em Brasília [Tese de Doutorado]. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas; 2007.

Mazzotta MJS. Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo: Cortez; 2003. 208 p.

Medrado RBS. Locução publicitária: análise perceptivo auditiva e acústica de recursos vocais. [Dissertação] São Paulo, SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2002.

Namo D. A percepção e a participação parental em relação ao serviço de salas de recursos para alunos com deficiência visual. [Tese de Doutorado] São Paulo, SP. Universidade de São Paulo; 2007.

Organização Mundial de Saúde. Programa para a prevenção da cegueira. O atendimento de crianças com baixa visão. Tradução: Veitzman S. Relatório de Consultoria da Organização Mundial de Saúde. Bangkok. 23 a 24 de Julho de 1992: ICEH; 1994.

Pittam J. Voice in social interaction: An interdisciplinary approach. USA: Sage Publications; 1994.

Preti D. Análise de textos orais. NURC, São Paulo: Humanitas; 2001.

Resende TRM. Política estadual de atendimento a alunos com deficiência visual na cidade de São Paulo: a percepção do usuário [Dissertação de Mestrado]. São Paulo, SP: Universidade Cidade de São Paulo; 2007.

Scherer KR. Personality markers in speech. In: Scherer KR e Giles H (eds.). Social markers in speech. London: Cambridge University Press; 1979.

Servilha EAM. Estratégias para obter a atenção discente no contexto universitário: o papel da voz do professor. *Distúrbio Comum*. São Paulo, 19(2): 225-235, agosto, 2007.

Servilha EAM. Programa de saúde vocal na pré-escola. In: Behlau, M. (org.) *Laringologia e voz hoje: temas do IV Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz*. Rio de Janeiro: Revinter; 1998. p.425.

Souza TMT; Ferreira LP. O professor e sua voz – um difícil encontro. In: Behlau, M. (org.) *Laringologia e voz hoje: temas do IV Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz*. Rio de Janeiro: Revinter; 1998. p. 452.

Spink MJ. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Cortez. São Paulo; 1999.

Spink MJP; Lima H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: Spink MJP. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez; 1999. cap. 4.

Spink MJP; Medrado B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink MJP. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo, Cortez, 1999. Cap. 2.

Swerts M; Ostendorf M. *Speech Communication*. Vol. 22, Issue 1, July, 1997, Pages 25-41.

Temporini ER. Percepção de professores do sistema de ensino do Estado de São Paulo sobre o seu preparo em saúde escolar. *Rev. Saúde Pública*; 1988. 22:411-21.

Viola IC. O gesto vocal: a arquitetura de um ato teatral. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006.

Viola IC; Ferreira LP. Avaliação da expressividade oral e corporal: uma proposta de atualização. In: *Anais do 15º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*; 2007.

Viola IC; Ferreira LP; Sene CD; Villas Boas DC; Souza SM. A voz do professor: levantamento das publicações brasileiras. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*; 2000; 7:36 – 45.

9 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Behlau M; Dragone MLS; Nagano L. A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter; 2004.

Behlau M; Ziemer R. Psicodinâmica vocal. In: Ferreira LP. (org.) Trabalhando a voz. São Paulo: Dummus; 1988 pp.71-88.

Cuenca AMB; Andrade MTD; Noronha DP; Ferraz MLEF. Guia de apresentação de teses – 2ª edição, atualizada on-line. Faculdade de Saúde Pública do Estado de São Paulo, 2008. Acesso em: dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.bvs-sp.fsp.usp.br:8080/html/pt/paginas/guia/home.htm>>

Ferreira ABH. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª ed., 1ª impressão, revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Versão 5.0. Editora Positivo; 2004.

Houaiss A. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0, Editora Objetiva Ltda.; 2001.

Normas PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Setor de Pós-Graduação. Acesso em: outubro 2008. Disponível em: <www.pucsp.br/pos/downloads/normas.pdf>

Silva SC; Aranha MSF. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva. Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2005, v.11, n°3, pp. 373-394.

Temporini ER. Teachers' perception of a school children's health training program for teachers under the S. Paulo State (Brazil) education system. Rev. Saúde Pública [serial on the Internet]. Oct., 1988 [cited 2008, June 25]; 22(5): 411-421.

World Health Organization. Strategies for the prevention of blindness in national programmes; a primary healthy care approach. 2nd ed. Geneva: WHO; 1997.

APÊNDICE – Histórico da Deficiência Visual

De acordo com o levantamento histórico realizado por MAZZOTTA (2003), no ano de 1784, foi fundado, em Paris, por Valentin Haüy, o Instituto Nacional dos Jovens Cegos que utilizaria letras em relevo para o ensino dos alunos. Seu modelo serviu de exemplo para a fundação de outras escolas para pessoas cegas, no mundo.

No ano de 1829, foi realizada a adaptação de um código militar de comunicação noturna, criado por Charles Barbier, pelo então estudante do Instituto, Louis Braille. Tal adaptação foi denominada Braille e é o único meio de leitura e escrita para os cegos.

No Brasil, em 12 de setembro de 1854, foi fundado, por D. Pedro II, de acordo com o Decreto Imperial nº 1.428, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

As primeiras regletes, instrumentos para a escrita e livros de ponto, em método Braille, chegaram ao Brasil no ano de 1856, por encomenda de D. Pedro II.

Na data de 17 de maio de 1890, no período da República, o nome do Instituto passou a ser Instituto Nacional para Cegos, por meio do Decreto nº 408.

Posteriormente, em 24 de janeiro de 1891, pelo Decreto nº 1.320, o nome do Instituto passou a ser Instituto Benjamin Constant (IBC) como forma de homenagem àquele que havia lecionado matemática, no próprio Instituto, e foi diretor do mesmo por vinte anos, Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Ainda de acordo o mesmo autor, as instituições especializadas, fundadas para o atendimento aos deficientes visuais, e alguns marcos históricos:

- Em 1905, Escola Rodrigues Alves – RJ
- Em 1925, Escola Estadual São Rafael – MG
- Em 1928, Fundação do Instituto de Cegos Padre Chico, na cidade de São Paulo/SP
- Em 1936, Instituto de Cegos da Bahia – Salvador/BA
- Em 1935, Instituto de Cegos – PE
- Em 1941, Instituto Santa Luiza, em Porto Alegre/RS
- Em 1940, Instituto São Rafael, na cidade de Taubaté/SP
- Em 1940, Associação Linense para Cegos – Lins/SP

- Em 1942, surge a “Revista Brasileira para Cegos”, editada em Braille, pelo Instituto Benjamin Constant; em 11 de março desse mesmo ano, é criada a Fundação para o Livro do Cego no Brasil – que, posteriormente, recebe o nome de Fundação Dorina Nowill para Cegos.
- Em 1944, Instituto Paranaense de Cegos, na cidade de Curitiba/PR
- Em 1945, implantação do Instituto de Educação Caetano de Campos, na cidade de São Paulo/SP
- Em 1946, Fundação para o Livro do Cego no Brasil
- Em 1947, o Instituto Benjamin Constant e a Fundação Getúlio Vargas realizaram o primeiro Curso de Especialização de Professores na Didática para cegos.
- Em 1958, lançamento da “Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes da Visão”.

No final dos anos cinquenta e início de década de sessenta, do século XX, é que ocorre, de acordo com a Política Educacional Brasileira, a inclusão da “educação de deficientes”, “educação dos excepcionais” ou “educação especial” (MAZZOTTA, 2003).

- Em 1961, no dia 20 de dezembro, ocorre a publicação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 4.02/61, que dedica um capítulo (artigos 88 e 89) à Educação dos Excepcionais.
- Em 1971, no dia 11 de agosto, é aprovada a Lei nº 5.692/71, que apresenta, no artigo 9º, a proposta de tratamento especial aos que apresentem deficiências físicas ou mentais, àqueles com atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e aos superdotados (MAZZOTTA, 2003, p. 69).
- Em 1986, no dia 21 de novembro, é criada a Secretaria de Educação Especial (SESPE), através do Decreto nº 93.613.
- Em 1988, no dia 05 de outubro, é promulgada a Nova Constituição Brasileira.
- Em 1993, na data de 30 de setembro, é criada a União Brasileira de Cegos (UBC).

ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 130/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Leslie Piccolotto Ferreira

Autor(a): Denise Cintra Villas Boas

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado *O sentido da expressão oral na perspectiva do professor especialista em deficiência visual*

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 28/07/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 130/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 28 de julho de 2008.


Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001
 Tel.: (0xx11) 36708466 – Fax: (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia
Comitê de Ética****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
AO PARTICIPANTE DESTA ESTUDO**

Cara Senhora,

Eu, Denise Cintra Villas Boas, fonoaudióloga, portadora do CIC 272.166.138-80, RG 28.760.897-9, estabelecida na Rua Martim Francisco, nº 420, CEP 01226-000, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (12) 9784-6396, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é “O sentido da expressão oral na perspectiva do professor especialista em deficiência visual”.

O objetivo deste estudo é analisar o sentido atribuído à expressão oral, por professores especialistas em deficiência visual, durante seu período letivo e necessito que a Sra. forneça informações a respeito da sua expressão oral em sala de aula, através de perguntas, devendo ocupá-la por dez minutos para completar as respostas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de seis perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação proporcionará um melhor conhecimento a respeito da expressão oral, que em futuros tratamentos fonoaudiológicos poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que a Sra. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Denise Cintra Villas Boas, tel. (12) 9784-6396 ou por e-mail: devillas11@yahoo.com.br. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros profissionais, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

A Sra. tem o direito de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitada, darei todas as informações.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “O sentido da expressão oral na perspectiva do professor especialista em deficiência visual”.

Eu discuti com a fonoaudióloga Denise Cintra Villas Boas sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data
 ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG:

Fone: ()

_____ Data
 ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em tipo ampliado



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Programa de Estudos

Pós-Graduados em

Fonoaudiologia

Comitê de Ética

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO
AO PARTICIPANTE DESTE
ESTUDO**

Cara Senhora,

Eu, Denise Cintra Villas Boas, fonoaudióloga, portadora do CIC 272.166.138-80, RG 28.760.897-9, estabelecida na Rua Martim Francisco, nº 420, CEP 01226-000, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (12) 9784-6396, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é "O sentido da expressão oral na perspectiva do professor especialista em deficiência visual".

O objetivo deste estudo é analisar o sentido atribuído à expressão oral, por professores especialistas em deficiência visual, durante seu período letivo e necessito que a Sra. forneça informações a respeito da sua expressão oral em sala de aula,

através de perguntas, devendo ocupá-la por dez minutos para completar as respostas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de seis perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação proporcionará um melhor conhecimento a respeito da expressão oral, que em futuros tratamentos fonoaudiológicos poderão beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que a Sra. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com Denise Cintra Villas Boas, tel. (12) 9784-6396 ou por e-mail: devillas11@yahoo.com.br. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros profissionais, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

A Sra. tem o direito de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais das pesquisas e

caso seja solicitada, darei todas as informações.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo "O sentido da expressão oral na perspectiva do professor especialista em deficiência visual".

Eu discuti com a fonoaudióloga Denise Cintra Villas Boas sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos

resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG:

Fone: ()

Data ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

e-mail: posfono@pucsp.br

ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Braille

ANEXO 5 – Mapas

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 1 (VIDENTE – 40 anos de idade – 13 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho?</p> <p>P1: Na verdade em consideração em muito em meu trabalho né? ... por ser tratar de um trabalho com crianças deficientes visuais que não enxergam ... se elas tem uma série de limitações das informações que ela recebem do meio onde elas vivem ... essas informações têm que ser complementadas com todo o tipo de recursos possíveis ... então ... vocal ... corporal ... todo tipo de recurso ... então - - só para dar um exemplo --</p>			
	<p>uma vez uma criança cega queria saber o que significava o verbo orbitar ... então eu expliquei que orbitar era dar volta em alguma coisa e aí por falta de mais explicações que a gente sempre está extrapolando ... dando exemplos ... a gente pegou uma bolinha de::de:: ... feltro que tinha na classe ... amarrou um barbantino na bolinha e aí a criança ficou com mão em cima</p>		
	<p>de mim e eu fiquei girando essa bolinha para ele entender ... faz de conta que eu era uma coisa parada e aquele objeto estava orbitando em volta de mim ... então se ele</p>		

	não puder tocar o corpo ... e se você não puder usar o corpo para pode expressar e ficar só na voz você dá poucas informações e a criança cega precisa de muitas informações e também o trabalho corporal é muito importante ... se você não for no corpo-a-corpo ... se você não se envolver com ela fisicamente ... então no jogo ... numa brincadeira ... não tem condições de você chegar na criança ...		
então acho que voz é muito importante para o professor de deficientes visuais ... a gente se comunica muito ... a gente fala muito com os alunos mas o corpo também é muito importante...			
E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P1 Ah:: ... eu acho que é primordial ... eu acho que uma pessoa que tem uma limitação de voz			
	ou física		
que não dê para ela chegar no aluno fica impossível trabalhar né? ... eu acho que é muito importante ...			
		E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia. P1 Então ... uma situação típica é uma Sala de Recursos que recebe alunos diferenciados né? ... de várias etapas escolares ... de vários níveis educacionais ... criança que tem mais comprometimento ... menos comprometimento ... criança com baixa visão ... criança cega ... então não é um trabalho padrão ... não é aquele trabalho que você chega todo dia e sabe o	

		que você vai encontrar...o que você vai trabalhar até por que a criança que vem para a Sala de Recursos ela vem para desenvolver o trabalho da sala de aula ...	
			para complementar ... para suplementar ... pra você dar um apoio pedagógico ... então você não tem um plano fixo que você segue a risca ... seu plano vem de acordo com o que ele necessita ...
		então sempre você tem que estar buscando ... você tem que estar ... tem que ter uma ... uma referência pra você poder usar com o aluno na hora que ele precisar de todos os assuntos e quando a gente não tem a gente tem que busca fora	
			... então busca outros professores ... outros profissionais ... na internet pra falar bastante...
E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P1: É fundamental ... eu acho que é fundamental porque é o maior instrumento de trabalho que a gente tem né? ... a voz ... éh:: ... de todo o professor ... principalmente do professor de cego ... eu acho que é ... o professor que trabalha com criança cega é o que mais usa a voz ... é o que mais fala, porque ele tem que tá com...			
	-- até orientação e mobilidade -- ... você tá explicando onde é os lugares ...		
então tudo depende de muitas informações né? ... então você tem que usar muito mais a voz do que o professor comum apesar que o professor também			

<p>utiliza a voz ... pra ele também é um instrumento de trabalho muito importante mas de cego então é ao quadrado a importância</p>			
		<p>E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P1: Então ... os alunos frequentam o ensino regular num período e vem para a Sala de Recursos no período oposto ao que eles vêm ... então eles vêm com as dificuldades ou vem com a limitação que é difícil... que é mais específico do professor tá ensinando e ele não têm tempo ... do professor regular ... porque ele lida com uma sala com trinta e nove ... quarenta alunos então ele deixa aquela coisa mais específica pra gente estar explicando ... então você já lida com o diferente e ele vem com a dificuldade ... então você tem que estar muito bem estruturado ... muito bem equilibrado pra você poder dar conta disso ... não se envolver também nas questões da deficiência ... no peso que a deficiência seria ... né? ... você tem que ter um pouco de isenção ... não pode ter pena do aluno por que senão você não avança ... então e você tem algum conflito de natureza religiosa ah:: ... coitado né? ... você tem que resolver isso antes de chegar nesse trabalho por que senão você se envolve a um tal ponto que você não é capaz nem de ajudar e fica paralisado junto com ele então você tem que ter um bom equilíbrio ... você tem que ter uma boa estrutura pra poder estar centrada e oferecer pro aluno aquilo que ele tá</p>	

		precisando... ele vem para a escola pra ter um atendimento escolar então a gente tem	
		que também ter uma limitação das nossas atribuições se você resolve ser mãe ... se você resolve ser psicóloga ...você acaba não sendo nada porque sua formação não te permite tudo isso e não faz aquilo pro qual ele precisa de você...então eu acho que assim	
			tem outra necessidades encaminha...terceiriza...pede ajuda..pede parceria mas resolve ali o que o aluno tá vindo fazer ali né? ... o apoio da família é muito importante ... a equipe escolar estando coesa é muito importante que muitas vezes o aluno da gente precisa de alguma coisa extra ... um transporte ... depende da direção da escola ... então você tem que estar sempre muito unida com a sua equipe ... () ... comunidade ... então monta parceria com todas as instituições da cidade ... todas --- não em São Paulo é impossível ter todas mas a gente que é do interior -- ... você acaba conhecendo toda a instituições ... então tudo mais que o aluno pode buscar ... o esporte ... uma associação que ofereça esporte ... tem que tá sempre assim ... oferecendo essas informações todas pro aluno ... pros familiares pra eles poderem buscar...
			E: O que poderia ser feito para melhorar? P1:O que poderia ser feito para melhorar?... ai ... tanta coisa né? ... muita coisa... acho que um aspecto

			<p>maior é o recurso ... que os recursos fossem mais baratos ... que no momento que o aluno precisasse de um atendimento médico a gente pudesse ter um braço estendido que pudesse ajudar ... sabe ... oferecer um recurso óptico ... às vezes a gente tem um aluno que recebe prescrição de telelupa que não tem ... a família não tem condições ... aí a ente acaba e envolvendo ... ajudando a família fazer uma rifa ... um pedágio ... então ... que dizer ... é uma coisa que é complicada também ... né ... e você vê o aluno vindo ali ... às vezes você quer ensinar a matéria mas ele não tá nem com a cabecinha ali ... ele tá tão preocupado com aquilo que ele precisa ... então é difícil ... eu acho que o poder público poderia melhorar um pouco mais essas questões do atendimento né ... do atendimento das outras coisas que ele precisa ... então o computador que precisa ser comprado e é aquela dificuldade pra pagar ... uma consulta médica num centro de referência fora da cidade de onde tá também é outra coisa que é complicada pro aluno ...</p>
		<p>então se o professor pudesse só educar seria muito bom mas a gente acaba tendo que ajudar também né ... acho que é isso...</p>	

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 2 (VISÃO SUBNORMAL – 25 anos de idade – 2 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho?</p> <p>P2: Os recursos vocais.. é... no meu ponto de vista auxiliam muito de acordo com a entonação da voz que se dá, acredito que pro deficiente visual você se expressa através da entonação e ele vai conseguir perceber bem melhor o jeito, o... como eu vou colocar pra você.. é difícil.. o seu tom mesmo, se você for agressiva no modo de explicar ele vai conseguir sentir ... e ele mesmo dá o retorno, você consegue e eu sendo baixa visão eu também consigo captar isso do aluno mesmo sem eu ter noção total, corporal dele ...é.. de como ele tá reagindo através da voz dele</p>			
	ou pequenos gestos eu consigo visualizar,		
isso auxilia muito.			
<p>E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função?</p> <p>P2: Bom, o recurso da voz é tudo né, é o todo, é inquestionável</p>			
	e.... corporal...		
é complexo, não tem como dividir a pessoa, mesmo que a voz dela não seja boa, que eu já trabalhei mesmo com			

deficiente múltipla ...é... o mínimo de som que ele expresse			
	mostra né, no rosto dele uma ação.		
		<p>E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia.</p> <p>P2: Típica de trabalho com os meus alunos?.. é... hoje, muito aluno múltipla, né ... muito aluno múltipla deficiência e também... em que sentido seria esse típica, do que eu trabalho em sala de aula?</p> <p>E: SIM</p> <p>P2: e trabalhando com aluno também, eu sempre procuro passar pra eles que a voz é a expressão do rosto, mesmo ele não enxergando, esse é o cartão de visita dele,</p>	
	a postura corporal, como ele deve se comportar, ele pode não estar vendo mas a outra pessoa, ela enxerga,		
ela ouve e do mesmo jeito que pra ele a voz é tudo, o jeito que ele fala pros outros também			
E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento?			
P2: Sentimento! Sentimento eu acho que é tudo, você consegue captar através da voz			
	e através da expressão do rosto o sentimento da outra pessoa,		
principalmente agora que nós estamos entrando nessa Era digital muita coisa é através da informática, então tudo é gravado, tudo é editado e aí quando você pega uma gravação de voz humana, mesmo feito por mim,			
		quando eu peço pra alguém gravar um	

		livro pra um aluno, se ele não colocar muito sentimento o aluno às vezes percebe e comenta “ah professora, tá difícil de entender”, então em termos de leitura é tudo.	
E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P2: Meu trabalho? Totalmente .. é... muito, muito através da voz, né.. muito sonoro, se fala muito,			
	gestos ... bem poucos, mais toques, não sei se expressão corporal, se o toque entra também em expressão corporal, que a gente trabalha muito toque.. tocar na coisas, sentir a expressão do outro através do toque		
e através da fala, né, na fala eu volto na entonação, clareza nas palavras.			
E: O que poderia ser feito para melhorar? P2: O que poderia ser feito para melhorar? ... em termos de fala			
	e de expressão corporal..		
			bom ... meu trabalho, o que poderia ser feito é o apoio de uma fonoaudióloga na escola que não tem isso, é algo que falta muito porque.. mesmo pra nós profissionais da área ajudaria, alguns toques que a fono pudesse estar dando para que nós pudéssemos por em prática com o aluno, com o aluno múltipla, com o aluno só deficiente visual, né, ou cego total,
	toques,		

entonação de voz,			
	expressão do rosto que ajuda bastante,		
			então a presença de uma fono na escola .. ah...que mais que ajudaria ... ah .. um estúdio de gravação, orientação de fono, não sei se hoje isso existe mas eu acredito que não,
mais palestras de boa utilização da voz, como cuidar disso seria essencial.			

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 3 (VIDENTE – 37 anos de idade – 12 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho? P3: Olha --eu acho que assim-- o fundamental seriam os orais né...porque se tratando de deficientes visuais ... principalmente o cego ...			
	eles já perdem toda a expressão facial do interlocutor que está falando com ele ...		
... então num primeiro momento eu colocaria o oral como fundamental ... a entonação da minha voz vai ser fundamental ao ouvidos do deficiente visual ... principalmente os cegos ...			
	já o corpo nem sempre eu acho que vai ser tão fundamental ... dependendo do conteúdo a ser trabalhado na sala de aula ... então em determinadas situações ... dependendo das ... () da professora ... se é criança ... se é adolescente ... se é jovem ... dependendo do conteúdo que tá sendo trabalhado ... então esse contato físico ... essa explicação física tem a sua importância mas		
não é fundamental como a voz ... a voz eu acho que é a espinha do trabalho...			
E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P3: Focando mais uma vez a oralidade ...			

<p>eu acho que é assim ... é fundamental mesmo ... é a mola mestre de tudo ... né? ... por que se você for pegar ... por exemplo ... o conteúdo de matemática a sua comunicação pra com o deficiente visual é fundamental ...</p>			
		<p>você tem que estabelecer às vezes um vocabulário próprio com ele por mais que tenha um vocabulário específico ... por exemplo ... sobre a técnica o Soroban ... no dia-a-dia você estabelece um vínculo e um vocabulário próprio com seu aluno</p>	
<p>... então nesse sentido você depende da comunicação o tempo todo ... né? ... durante todo o atendimento na Sala de Recursos...</p>			
		<p>E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia. P3: Ah ---voltando ao exemplo -- por exemplo ... do Soroban ... né? ... vamos lá trabalhar adição no Soroban ...</p>	
<p>então a oralidade é fundamental porque o entendimento dele sobe aquilo que tá sendo explicado depende da minha voz ...</p>			
		<p>depende do entendimento que ele faz da minha voz ...</p>	
<p>E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P3: A importância é que se ele não entender o que eu estou dizendo eu vou tá ... assim ... vou estar assim ... tentando explicar de outras maneiras com outras palavras ... numa entonação e aí ele vai perceber ... por exemplo ... se eu estou com paciência suficiente pra estar</p>			

orientando ... se eu estou irritada porque ele não está entendendo ... essa interação até mesmo pessoal pra com o aluno na hora do atendimento ele vai se basear na voz ...			
		ele não está vendo o meu rosto ..	
		ele não está percebendo meu estado de espírito ... ele não ... né?... ele ... eh::...	
esse vínculo depende da voz ... ele se guia pela voz ... então por exemplo ... se eu consigo transmitir pra ele			
		– olha ... você está aqui para aprender -- .. éh::... se você soubesse não precisaria vir para a escola ... porque quem já sabe não precisa aprender ... é errando que você vai aprender melhor ... então não precisa ficar nervoso ... nós vamos fazer de novo ... não tem problema ... então essa passagem durante () né? ...	
com o uso da voz eu tô passando não só o conteúdo mas eu tô passando inclusive assim ... uma segurança pra ele pra ele estar... né? ... bem tranquilo ... aberto pra a aprendizagem e tantas outras coisas mais...			
		E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P3 O trabalho geralmente são os atendimentos semanais ... são alunos que freqüentam o ensino comum no horário inverso e a gente geralmente foca mais o conteúdo de matemática por conta do Soroban que é né?	
			... o material específico e trata-se de uma técnica ... então você acaba focando mais a matemática por conta

			disso ... trabalhando desde o início o material dourado ... né?
		... a parte concreta ... chegando no abstrato ... pra chegar na operação com o material ...	
			conhecendo esse aparelho que pra ele até então é diferente ...
		então mesmo o professor da sala comum explicando a matemática você acaba focando muito a matemática nos atendimentos e com relação ao português e as demais disciplinas a mesma coisa ...então uma adaptação ...	
			se é uma ampliação aí você usa o recurso do computador pra estar ampliando alguns textos ...
		algumas palavras ... dependendo do nível de cada um ... da série e o nível de desenvolvimento e também a gente acaba também prestando o atendimento de orientação ... de ordem pessoal uma dúvida ... por exemplo ... dúvidas que ele tem vergonha de estar esclarecendo com o pais ou com o professor da sala comum então a gente também tem esse momento de tar sentando ... por conta de ser um atendimento mais individualizado e você acaba interagindo melhor na vida pessoal dessa pessoa no que ajuda porque se você entende um pouquinho da história de vida dele você entende porque que naquele dia ele não tá rendendo tanto ... porque que ele tem um comportamento ... um determinado comportamento em decorrência de um episódio que possa ter acontecido então nesse sentido a interação	

		ela é mais intensa do que lá na sala onde ele tem à vezes trinta colegas pro professor dar atenção ...	
			<p>E: O que poderia ser feito para melhorar?</p> <p>P3:Olha ... se a gente pensar em melhoria na sala de aula fica até difícil porque .. nossa realidade no Estado de São Paulo não é algo que a gente possa reclamar ... nós temos na sala de aula a televisão com a telalupa ... nós temos o recurso do computador com a impressora e o scanner ... nós temos ..a.. na sala os aparelhos de soroban ... materiais lúdicos ... então assim ... os recursos de capacitação ... a gente sempre vai pra São Paulo pra fazer ... estar recebendo e dando continuidade ... então essa formação continuada .. éh::... fica complicado assim dizer o que poderia melhorar ... claro que sempre tem o que melhorar...</p>

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 4 (CEGA – 42 anos de idade – 10 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho?</p> <p>P4: Olha ... o trabalho com a criança ... com o deficiente visual ... todos o recursos são fundamentais ... principalmente a voz ... não simplesmente a voz mas a voz ... éh:... carregada de detalhes ... de informações ... a criança com deficiência visual ... não só a criança mas a pessoa com deficiência visual ela necessita de muitas informações e informações com detalhes ... o que eu digo sempre é o seguinte é óbvio que uma pessoa com deficiência .. o que é óbvio pra vocês que tem a visão não é para uma pessoa sem a visão ... então é de fundamental importância a fala rica em informações</p>			
	<p>e também o corpo porque dependendo da situação o professor da sala de recursos ... ou seja ... o professor da criança com deficiência visual ... o professor de sala de recursos para deficiente visuais ele vai utilizar o próprio corpo da criança pra tar explicando determinada situação ...então ... são importantes</p>		
a voz e			
	o corpo pra tar auxiliando o aprendizado ...		

<p>E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P4: Éh:: ... -- você diz em termo do meu trabalho ... do meu dia-a-dia? -- ... éh::... através desse ... desses recursos que você vai estar passando o conhecimento para essa criança...</p>			
		<p>E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia. P4: Eu trabalhei ... eu trabalhei recentemente fração com uma criança de terceira série ...</p>	
<p>além da minha voz passando todas as informações sobre a fração</p>			
		<p>eu peguei uma torta que eu tinha lá ... uma torta com ... assim ... pra trabalhar as partes mas eu trabalhei com essa torta ... então</p>	
<p>foi a junção da minha voz com o concreto pra que essa criança entenda como está dividido ...</p>			
		<p>como é trabalhar fração ... além dos toques que eu passei pra ele ... no dia-a-dia... coloquei Braille eu trabalhei também o concreto com essa torta em madeira ... com os outros alunos do ensino médio ... do segundo ano do ensino médio eu estava trabalhando ... éh::.. .. gráficos que também é uma outra adaptação .. éh::.. ..</p>	
<p>também a voz e o concreto.</p>			
<p>E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P4: Foi o que eu disse anteriormente pra você não é só a voz ... essa voz ... ela::... precisa se permeada de informações...</p>			

<p>informações precisas ... informações com detalhes ... o maior número de informações possível pra que esse alunado entenda o que você está passando e isso é fundamental e... () ...</p>			
		<p>E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P4: O trabalho acontece na forma assim ... éh::... direcionado ... é um trabalho em sala de recursos individualizado e ... também ... éh::... assim:: ... tipo:: .. como é que posso explicar pra você ... de acordo com a necessidade do aluno ... o que acontece na maioria das vezes esse professor do ensino comum acha assim::... que o professor da sala de recursos está trabalhando com o aluno ele fala assim nossa ... o professor da sala de recursos está trabalhando com aluno só que nós estamos trabalhando com trinta ... então ele quer que a gente dê conta desse aluno com deficiência visual no ensino comum? ... o que acontece é isso ... eles não entendem o nosso trabalho que é um trabalho direcionado ... não tem como você pegar um aluno do ensino médio e colocar junto com um aluno que está numa primeira série ... são trabalhos diferentes ... então é de acordo com a necessidade do aluno ... o aluno está matriculado no ensino comum e inscrito na sala de recursos ... então ele vai pra sala de recursos</p>	
			<p>pra::... pro::... atendimento pra suprir ... pra complementar o que ficou faltando no ensino comum...</p>

		<p>E: O que poderia ser feito para melhorar?</p> <p>P4: Olha... o primeiro passo...o aluno com deficiência visual ele precisa querer .. é o primeiro passo e .. assim eu acho que é a conscientização que precisa se feita ... porque infelizmente ainda nós temos uma sociedade um pouco de descrédito... à vezes até pela família... então precisa ter o que... um envolvimento</p>	
			<p>e a questão da parceria .. família é base ... acho que tem que ter um envolvimento maior a família precisa incentivar esse aluno e infelizmente o que acontece é isso... a nossa família ela ainda... isso eu não estou generalizando...</p>
		<p>mas tem família que ela assim ... ela dá maior ênfase no filho sem nenhuma deficiência e o filho com deficiência ainda .. é ... não tem aquele ... aquela conscientização que ele é tão capaz quanto o outro...</p>	
			<p>o que ele precisa é de oportunidade... o que ele precisa é de alguém acreditar nele por que o que eu falo é assim pras pessoas com deficiência tem a limitações mas tem as suas funcionalidades também... então pra melhora o primeiro passo é a conscientização...</p>

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 5 (VISÃO SUBNORMAL – 25 anos de idade – 01 ano de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho? P5: Eu acho que é muito importante principalmente pro deficiente visual porque ele tem que estar escutando TUDO... o deficiente visual tudo envolve o que? a audição...então a fala da professora e como ela fala é muito importante porque o aluno... ele precisa disso pra ele estar conseguindo desenvolver a atividade normalmente</p>			
	<p>e o corporal assim:... a gente trabalha muito assim... o que o aluno não consegue entender a gente trabalha dentro do físico dele... explicando pra que ele entenda melhor...</p>		
<p>E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P5: Pra mim... também facilita pro meu trabalho... como facilita pro aluno... facilita pra gente... então a gente tem que buscar o recurso melhor que o aluno consiga... né... desenvolver e captar melhor... que ele consiga aprender... o importante é que o aluno aprenda... tudo é válido... né:...</p>			
		<p>o professor tem que estar tentando de várias formas e essa é uma das melhores... das mais fáceis assim pro aluno.. né?...</p>	

		facilita	
E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia. P5: Ah:: .. o trabalho da gente tem de várias formas... né::... assim ... a gente trabalha muito o oral ... é ... a escrita... a leitura...			
		o dia-a-dia desse aluno... os dias da semana porque tem aluno que também não tem esse conhecimento.... como que está o clima ...	
se tá ... a gente trabalha acaba trabalhando tudo eh::... oh::... uh::... as atividades de vida diária... né?... daquele aluno ..éh::...			
	orientação e mobilidade pra que ele conheça o ambiente em que ele está... onde ele está...		
E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P5: Ah... a voz é de fundamental importância... principalmente pro dv porque é através dela que o aluno consegue identificar o professor... identificar o conteúdos que estão sendo trabalhados...			
		pra que ele consiga desenvolver pessoalmente... né::... facilita... pra facilitar também o andamento dele na: ... dentro da sala de aula porque é o que:::...	
o deficiente mesmo precisa é a voz e ela é muito importante porque ajuda o aluno...			
E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula?			

<p>P5: A gente trabalha... né:... o oral e que que tá frisando aí... A VOZ... então que que é feito?...</p>			
		<p>a gente geralmente lê os textos... os conteúdos dentro da sala de aula... né?... pra que o aluno consiga ... éh::...</p>	
<p>interpretar melhor e tudo ... tudo vai da leitura e tudo o oral ... a voz é muito importante porque o aluno identifica oh:: .. oh:: .. como é aquele professor se ele é calmo... se ele éh:: .. dá pra ele ter essa percepção e facilita... né?... no dia-a-dia dele... ele já .. à vezes... se:: .. a gente... de repente tá dentro de uma sala de aula... chega uma pessoa conversando ele pode reconhecer essa pessoa através da voz ... e é assim...</p>			
			<p>E: O que poderia ser feito para melhorar? P5: O que poderia ser feito para melhorar? ... éh::... a conscientização da sociedade melhor... né?... porque os professores também do ensino regular estão ajudando aquele aluno porque o trabalho da gente não tem um andamento se o professor do ensino regular não der essa base pro aluno... não cobrar do aluno se o professor não cobrar desse aluno ele não vai ter o interesse... já tem uma auto-estima baixa devido à deficiência... se o professor não cobrar não tem como ele e a família também de fundamental importância... tanto o professor quanto a família... ambos tem que estar caminhando juntos...</p>

		pra que aquele aluno desenvolva melhor...	
			se não tiver esse apoio já dificulta o trabalho da gente...

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 6 (VIDENTE – 30 anos de idade – 09 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho? P6: Eu acredito que seja primordial... né?:...o recurso vocal... a partir do momento que a gente trabalha com aquele que enxerga o mínimo ou aquele que não enxerga nada... éh:... eu procuro dizer aos meus colegas de trabalho que quando você está numa sala... éh:... tanto regular como sala de recursos... você tem que ser os olhos daquele... daquele aluno... né?...</p>			
	e o recurso corporal é muito importante éh:... porque na maioria das vezes os deficientes visuais eles tem alguns trejeitos... algumas maneiras né?... que se você pode corrigir pra que se torne .. éh:... o mais natural possível... né?...		
			pra sociedade seria muito bom...
		pra gente a gente sabe que éh:: muitas vezes é um trabalho difícil... né?...	
	porque a gente observa que são poucas as pessoas que acabam ...ah::... como é que eu posso dizer... éh... corrigindo... então... esse é o nosso papel né?...		
		de estar passando até as melhores maneiras sim né?... porque eles tem como a gente um espelho... uma referência... então o que a gente puder trabalhar com eles isso	

		explorar o máximo... divulgar máximo... né?... será cada vez melhor...	
E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P6: Qual a importância ... nossa:... primordial ...é isso...			
		E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia. P6: Ah:... de repente eu não vou nem falar de mim agora mas eu vou falar normalmente e gente em HTPC... né?... () ...	
			a gente ainda não tem trabalho de itinerância mas é meu sonho então éh:... os professores...
		muitos alunos vem falar da dificuldade que tem quando o professor fala - “olha... então esse número mais esse de baixo com... que vai dar esse resultado... “ né?... então... éh:...	
de repente são coisas simples... o professor pode falar esse mais esse dois com esse cinco que tá aqui embaixo que vai dar o resultado de sete... né?... então:: ... que dizer ele tá usando a voz... é só usar um pouquinho mais... né?... essa é uma situação típica né?...			
		indesejada do aluno deficiente visual... né?... que de repente pode ser resolvida assim em questão de ter bom senso... né?... do professor de sala comum... né?... e que o professor de sala de recursos tem que estar atento e se policiar a todo instante pra que não passe despercebido... né?... o objeto... a dificuldades em sala de aula...	

		éh:... o que for que seja	
	qualquer coisa que você mudar... inclusive ambiente da sala de recurso... né?...		
		no início do ano eu e a outra professora nós queríamos dar um pouco mais de vida pra nossa sala... né?... porque eu acredito que ...éh:... eu acredito e vou dizer isso pra sempre...	
que ele tem os olhos da alma... né?... os olhos dele é alma... então até pra diferenciar e a gente comentou como é que tava ficando a sala... as cores que ele gostariam...			
		então é uma coisa inesperada assim de cores que eles falaram... né?... de coisas que eles queriam que é totalmente visual... né?...	
			tudo isso pra estar trazendo um ambiente mais gostoso pra eles e... quer dizer...
se eu não falasse... né?... passaria despercebido...			
E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P6: É TUDO... a voz é tudo pro deficiente visual... né?... se eu não souber passar pra ele... éh:...se eu não disser... a primeira das situações que eu sempre procuro passar quando chega um aluno meu em sala de aula eu falo “bom dia”...éh:... aí né?... por exemplo eu tenho mais três então o Joaquim... Maria e Cristiano né?...			
		daí eles já sabem automaticamente que estou eu na sala e mais esses três... né?...	
para poder cumprimentá-lo... então...			

<p>quer dizer... se ele entra e eu não falo nada tá eu e ele... né?... então é muito importante... tudo... TUDO... tudo... mudei de coisa... mudei... né?... e sem contar... que eu acabei de lembrar... que a minha voz pro meus alunos é tudo porque do meu OI... do meu oi eles já sabem se eu estou bem... se estou estressada... se eu não estou legal... né?... eh:... então por aí você já tem uma idéia do quanto é essencial a voz e o valor dela... né?...</p>			
	<p>E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P6:Mais uma vez... explorar o ambiente... né?...</p>		
<p>de falar o que tá acontecendo ali ou não e o meu trabalho também éh:... eu procuro ser os olhos desse meu aluno...</p>			
			<p>E: O que poderia ser feito para melhorar? P6: Éh:... pedagogicamente falando... eles reclamam muito de não ter livro falado... mas livros assim... sabe... não é só literatura brasileira... eles querem Sidney Sheldon... querem coisas diferenciadas... eu tenho uma aluna que assim já leu e já ouviu tudo que tinha lá... né?... nosso mas ela quer mais... então pedagogicamente falando isso... e sim... eu gostaria que tivesse... um outro desejo de consumo pros meus alunos... além da máquina e impressora Braille é um fonoaudiólogo... porque eu não tenho .. éh:.. eu não tenho especialização... né e isso... e eu tenho alunos que tem</p>

			problemas... são alunos deficientes visuais mas que tem outros problemas... inclusive problemas de fala... né?... e eu gostaria de trabalhar isso porque atrapalha no desenvolvimento pedagógico... então um fonoaudiólogo... um psicólogo e uma impressora Braille seriam 10 na minha sala...
--	--	--	--

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 7 (CEGA – 36 anos de idade – 10 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho?</p> <p>P7: - Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho? - ... olha... como eu trabalho somente... a maioria dos meus alunos são cegos ou alunos com baixa visão... pra mim... são assim considerados 100% porque é através da minha voz... através da minha fala que eu passo a eles o maior número de informações possível à respeito das atividades que nós estamos trabalhando ou que vamos trabalhar...</p>			
<p>E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função?</p> <p>P7: Pra mim é fundamental porque:... se éh:... como eu escolhi ser professora... como eu tenho a deficiência visual... se eu estou sem a voz... - por exemplo - ... se eu fico rouca... eu me vejo impossibilitada de trabalhar... porque... pra mim a comunicação oral pra mim é de extrema importância...</p>			
<p>E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que encontra no seu dia-a-dia.</p> <p>P7: Situação de trabalho?... por exemplo ... éh:... - uma aula de alfabetização- eu</p>			

<p>falo com eles o tempo todo... eu falo a palavrinha né?... eu trabalho com o som da letra... o som da:: ... da:: ... sílaba... então é uma situação assim que eu falo o tempo todo... eu sempre falo pra eles o que vão fazer e o que eu estou fazendo naquele momento... por exemplo... e eu estou copiando uma prova... eu falo pra eles olha estou copiando prova pro fulano de tal da matéria tal... então eu vou por exemplo... contar uma história pra eles... então é todo o momento ..éh:: .. FALANDO... falando mesmo... eu falo muito com eles...</p>			
<p>E: Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento? P7: MUITO... sempre assim... MUITO GRANDE... porque por mais que eu pegue...</p>			
		<p>que eu tenha o material concreto pra poder mostrar alguma situação pra eles... se eu vou trabalhar por exemplo... com a figura geométrica...</p>	
<p>eu preciso falar com eles o que eu estou mostrando...</p>			
	<p>eu preciso antes de por na mão dele...</p>		
<p>eu tenho que falar o que eu vou mostrar... eu tenho que dar nome às coisas pra que ele vá construindo o conhecimento dele...</p>			
		<p>E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula? P7: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula?... bom::... eu trabalho... éh::... a princípio eu tenho que avaliá-lo pra ver o que ele sabe pra poder partir... pra ver de que ponto eu vou iniciar o trabalho com</p>	

		ele... sempre partir dos conhecimentos que ele já tem... que ele já traz de casa... eu vou introduzindo conhecimentos novos pra que ele vá expandindo... pra que ele vá desenvolvendo e expandindo sua aprendizagem	
			e eu oriento também a mães... oriento os professores e oriento também a família como dar sequência no meu trabalho em casa... principalmente com relação à atividade de vida diária e atividade de linguagem e escrita... éh:... com os professores...
	oriento os professores de sala e atividades de om ((orientação e mobilidade)) eu faço com eles no interior das escolas onde eles estudam e aqui na escola onde funciona a sala de recursos...		
			<p>E: O que poderia ser feito para melhorar?</p> <p>P7: Para melhorar?...eu acredito que os professores que vão pegar esses alunos em classe comum deveriam estar mais bem preparados... né?... e nós deveríamos ter uma... psicóloga... ter alguém aqui pra poder dar uma assistência tanto com relação ao aluno quanto com relação às mães pra poder trabalhar melhor com a questão da aceitação da criança com deficiência visual por parte da família que é responsável por inserir a criança na sociedade... porque antes dela chegar pra nós ela passa a maior parte do tempo com a família... então quem acaba inserindo essa criança na</p>

			sociedade até um tempo maior do que nós é a família...
--	--	--	--

MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS – PROFESSORA 8 (VIDENTE – 40 anos de idade – 21 anos de experiência)

O trabalho da professora		Situação típica de trabalho	Apoios necessários
Recursos vocais	Recursos corporais		
<p>E: Até que ponto os recursos corporais e vocais são levados em consideração no seu trabalho? P8: Bom... ah:: a voz é fundamental para o contato com o aluno porque é através dela ...pelo aluno ter uma audição mais aguçada do que a nossa ... então a voz é fundamental porque ela serve como guia pra tudo aquilo que você vai orientar...informar...para ajudar no aprendizado do aluno ... então ela é SUPER IMPORTANTE pra esse primeiro contato que você tem com o seu aluno...</p>			
<p>E: Qual a importância desses recursos no desempenho da sua função? P8: Como eu acabei de dizer.... através da voz é que você vai conseguir o objetivo com seu aluno... com que ele aprenda tudo aquilo que você está ensinado ... que você está passando pra ele quer seja numa disciplina que voe esteja orientando ou mesmo numa ... ah:: ... locomoção na escola ... né ... na mobilidade dele pra que ele possa ter todo ... né.... ah ... o andamento ... né.... adequado dentro do seu ambiente escolar...</p>			
	<p>E: Descreva uma situação típica de trabalho com seus alunos e do que</p>		

	<p>encontra no seu dia-a-dia.</p> <p>P8: Uma situação típica ... bom ... ah:... eu me lembro de uma vez em que um aluno ... ah:: ... na escola ... numa outra escola que eu trabalhei ... éh:... onde o banheiro ...ah:... ele tinha difícil acesso ... né?... na escola então toda vez que ele precisava ir ao banheiro eu fazia todo o trabalho com ele porque ele tinha uma dificuldade muito grande de mobilidade dentro do ambiente escolar ... então ... a gente fazia todo esse caminho com ele dentro da escola e ao mesmo tempo que eu ia guiando</p>		
eu ia falando pra ele todo esse trajeto para que ele pudesse assimilar de uma forma que ele pudesse se tornar o mais independente possível ...ah:... na sua ... no seu andamento né?... dentro da escola...			
<p>E:Qual a importância do uso da voz na transmissão desse conhecimento?</p> <p>P8: É... aqui a gente vai ser redundante novamente..né?... por que a voz ela é fundamental porque se você fala de uma forma clara com o aluno ele ...ah:... vai conseguir captar e assimilar melhor .. éh:... tudo aquilo que você tá passando pra ele então a sua voz ela é fundamental e que seja clara e objetiva naquilo que você tá explicando</p>			
		pra que o aluno entenda de uma forma que ele não venha gerar dúvidas no seu ..ah:... trabalho com o aluno...	
	<p>E: Como é o trabalho com os alunos em sala de aula?</p>		

	<p>P8:Bom.... acho que a gente volta naquela questão de mobilidade do aluno na escola quando ele entra ... a primeira coisa que você tem que ensina-lo ... ah:... é a mobilidade.... a disposição da mobília na sala de aula pra que quando ele entre ele saiba reconhecer ambiente por ambiente e qualquer mudança que você fizer em sala de aula</p>		
<p>você também tem que estar orientando... tem que estar ensinando o aluno pra que a independência dele seja o máximo possível...né?... quer seja no seu trajeto dentro da escola ... no material que ele carrega...tudo aquilo que você informa...eh:... o aluno possa ter a sua independência e você vai a partir daí entrando ...né?... naquilo que vai sendo ensinado e você vai trabalhando nessa orientação juntamente com ele também...</p>			
			<p>E: O que poderia ser feito para melhorar? P7: Melhorar o trabalho da gente com o aluno?... olha... que a gente tivesse um apoio melhor..até mesmo da direção da escola porque muitas vezes a gente não encontra esse apoio da coordenação...da direção da escola..eu graças a Deus...eu... a escola que eu trabalhei anteriormente... a escola que eu trabalho hoje também... a gente tem uma diretora muito boa...que tendo um diretor que apóie o seu trabalho...então você não encontra obstáculos...né?...não encontra barreiras para o bom desempenho do</p>

			deficiente visual na escola...então o apoio da direção da escola é fundamental para que o aluno tenha sucesso no seu período escolar...
--	--	--	---

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)